PAUL STRATHERN

FOUCAULT

em 90 minutos



ZAHAR

FOUCAULT

(1926-1984)
em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:
Cassio Boechat

Consultoria:
Danilo Marcondes
Professor titular do
Deptº de Filosofia, PUC-Rio

ZAHAR

FILÓSOFOS

em 90 minutos

……

por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 minutos
Bertrand Russell em 90 minutos
Confúncio em 90 minutos
Derrida em 90 minutos
Descartes em 90 minutos
Foucault em 90 minutos
Hegel em 90 minutos
Heidegger em 90 minutos
Hume em 90 minutos
Kant em 90 minutos
Kierkegaard em 90 minutos
Leibniz em 90 minutos
Locke em 90 minutos
Maquiavel em 90 minutos
Marx em 90 minutos
Nietzsche em 90 minutos
Platão em 90 minutos
Rousseau em 90 minutos
Santo Agostinho em 90 minutos
São Tomás de Aquino em 90 minutos
Sartre em 90 minutos
Schopenhauer em 90 minutos
ócrates em 90 minutos
Spinoza em 90 minutos
Wittgenstein em 90 minutos

SUMÁRIO

. . . . . .

Introdução e raízes
de suas ideias

Vida e obra

Citações e ideias

Cronologia de datas
significativas da filosofia

Cronologia da vida de Foucault

Leitura sugerida

Índice remissivo

INTRODUÇÃO E RAÍZES DE SUAS IDEIAS

. . . . . .

Foucault não foi um filósofo na tradição clássica. Ainda assim, foi considerado por alguns, durante certo tempo, como o novo Kant — uma avaliação absurdamente exagerada. Porém, a culpa disso dificilmente cabe a Foucault (ainda que não fizesse muito para desencorajar tais opiniões). Também não era culpa sua que a possibilidade de ser um filósofo clássico estivesse completamente fora do seu alcance. Não se trata de um mero juízo intelectual. A verdade é que Wittgenstein havia praticamente dado um fim à filosofia na sua tradição clássica. Wittgenstein insistira que não existia mais algo como a filosofia — apenas o filosofar. A maior parte das questões filosóficas principais era resultado de equívocos linguísticos. Desemaranhado o equívoco, a questão simplesmente desaparecia. E as questões restantes eram simplesmente impossíveis de serem respondidas (ou, mais corretamente, impossíveis de serem perguntadas).

Porém, uma variante da tradição clássica filosófica persistiu na Europa continental, na obra de Heidegger. Este pretendia operar além do domínio wittgensteiniano, além do alcance da lógica, analisando os próprios fundamentos do pensamento e da apreensão. Foucault foi fortemente influenciado por essa tradição. Ela o levou a descobrir como a filosofia — e, efetivamente, todos os "conhecimentos" — chegavam a suas versões da verdade. Mostrou que tais "verdades" dependiam muito dos pressupostos, ou tendências, da época em que foram promulgadas.

Foucault desenvolveu suas pesquisas mais como um historiador do que como um filósofo. Minuciosamente, pesquisou documentos originais do período que investigava. Isso revelou, diretamente das

fontes, como eram a sociedade, o conhecimento e a estrutura de poder da época em questão. Foucault concluiu que saber e poder estavam tão intrinsecamente relacionados que os amalgamou como “saber/poder”. Este era o tema central de sua filosofia. Mas ao abordá-lo e estudar suas implicações, cobriu uma gama de assuntos muitas vezes sensacionalistas. Loucura, sexualidade, disciplina e punição — a história dessas categorias foi considerada essencial para sua argumentação. Acrescente-se a isso a relação delas com a sua vida particular e tem-se o mais sensacional filósofo dos tempos modernos.

Quanto, no entanto, de valor filosófico subsistia em meio a todo esse sensacionalismo? Quase vinte anos após a sua morte, as reações a essa pergunta continuam rispidamente divididas. O esquecimento filosófico é uma atitude comum: o fato de Foucault ainda estar sendo discutido é uma forma de reconhecimento. Até quando essa situação vai se prolongar depende de nós.

VIDA E OBRA

. . . . . .

Paul-Michel Foucault nasceu no dia 15 de outubro de 1926, em Poitiers, trezentos quilômetros ao sul de Paris. Sua família era de burgueses abastados numa cidade que se manteve como um marco da província francesa. O pai era cirurgião, lecionava na faculdade de medicina local e dirigia uma clínica bem-sucedida. A mãe era uma mulher determinada que administrava as finanças do marido, ajudava a gerir a clínica e, ousadamente, guiava um automóvel.

Além da casa em Poitiers, a família possuía um pequeno solar no campo. Durante a infância de Paul-Michel, também construíram uma quinta litorânea na costa atlântica, em La Baule. A casa era grande o bastante para uma família de cinco membros e empregados. Ali a família passava as férias de verão entre os pinheiros tendo como vista as areias de uma comprida praia curvilínea. O pai era gentil, porém rigoroso; a mãe, eficiente, porém preocupada. Para Paul-Michel, a vida no lar com a irmã mais velha e o caçula era o símbolo da normalidade — assim como a formação padrão de tantos intelectuais franceses intransigentes que se revoltaram contra todas as formas de autoridade e de comportamento burguês. (Embora tenha se empenhado na luta contra tantas coisas mais, Foucault acabou por se adaptar a esse estereótipo gaulês, que exerceu grande influência de Voltaire a Sartre.)

Na escola, o jovem Paul-Michel era frágil e míope. Como resultado disso, seus colegas logo adulteraram seu nome para Polchinelle (equivalente em francês da figura corcunda do teatro de marionetes conhecida como Polichinelo). Os freudianos ficarão intrigados ao saber que ele sonhava em se tornar um peixinho dourado. Essas ambições piscosas refletiam-se no desempenho acadêmico. Ainda que claramente brilhante, ele nunca se destacou.

Até mesmo em sua matéria favorita, história, terminou apenas em segundo.

Acontecimentos mundiais pouco afetavam a pacata Poitiers ou a vida familiar de Foucault. A casa de praia fora construída durante os primeiros anos da Depressão; as posturas de Hitler nos noticiários exibidos nos cinemas eram menosprezadas e ridicularizadas na imprensa; e os discos suavemente cordiais de Maurice Chevalier giravam nas vitrolas.

Aos 10 anos, o jovem Paul-Michel viu os primeiros refugiados da Guerra Civil espanhola perambulando pelas ruas de Poitiers. Três anos mais tarde, a Alemanha invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial, e a família retornou de suas férias de verão em La Baule pela última vez. Quando Foucault tinha cerca de 14 anos, os nazistas haviam invadido a França, o exército francês estava batendo em retirada desordenadamente, até Poitiers estava no caos. Com a inépcia inflexível de um cirurgião disciplinador, Foucault supervisionava a instalação de unidades médicas de emergência na cidade. Nos bastidores, diligentemente, sua esposa botava ordem na casa e, de forma eficiente, assegurava que a rotina não fosse alterada. Agora de óculos, mas ainda em calças-curtas, o jovem Paul-Michel observava os fatos atordoado. Naquele verão, suas notas nas provas despencaram.

Sua mãe batalhou para que fosse transferido para outra escola, na qual o patinho feio acadêmico se transformaria num cisne. Isso iria se tornar praxe. Foucault teria baixo rendimento em provas importantes para depois brilhar numa segunda oportunidade. Aos 20 anos, na segunda tentativa, Foucault conseguiu um lugar na École Normale Supérieure, em Paris — um celeiro intelectual onde o *crème de la crème* dos estudantes da França era posto à prova. Ser um “normalien” marcava um sujeito como um espécime superior para o resto da vida, e os “normaliens” superintelectuais geralmente formavam um grupo bem estranho. Porém, até nisso Foucault logo sobressaiu.

O Polichinelo do pátio da escola havia se desenvolvido num personagem decididamente espinhoso. Ao longo de todo o ano anterior, fora pouco a pouco tomando consciência de que era homossexual. Isso não apenas era ilegal naquela época, como, em

Poitiers, impensável. Paul-Michel nem sequer podia recorrer à sua amada mãe para se aconselhar e se afirmar. E, nessa altura, também tinha tido sérias desavenças com o pai. O adolescente Paul-Michel *se recusou* a seguir a tradição familiar e se tornar um médico. Simplesmente não estava interessado pela medicina e ponto final. Pisaria firme escada acima, bateria a porta do quarto e mergulharia em outro livro de história. Por volta da época em que prestou exame para entrar na École Normale Supérieure pela segunda vez, não havia dúvida alguma de que ali estava um talento intelectual inato. (Foi o quarto colocado de todo o país.) Porém, tampouco havia dúvidas de que tinha o temperamento imprevisível de um talento inato.

Em Paris, passou a se chamar somente Michel (tirando Paul, o nome de seu pai). Os primeiros anos de Michel Foucault na ENS assistiriam a uma série recorrente de incidentes. Numa ocasião, feriu seu peito com uma navalha; em outra, teve de ser contido quando perseguia um estudante com um punhal; e ainda em outra, quase conseguiu cometer suicídio ao tomar uma *overdose* de comprimidos. Bebia muito e, de vez em quando, experimentava drogas (coisa que só uma pequena minoria possuía naqueles longínquos dias). Em certas ocasiões, desaparecia noites a fio, entrando em colapso depois, pálido e com olheiras profundas, voltando deprimido ao seu dormitório. Poucos adivinharam a verdade. Sofria com o que havia ocorrido em suas solitárias expedições sexuais.

Foucault era incapaz de conviver consigo mesmo, e nenhum dos estudantes no seu dormitório queria conviver com ele. Viam-no como louco perigoso, qualidades que só faziam ser exacerbadas com seu inquestionável brilhantismo. Ardorosamente agressivo na argumentação intelectual, era bem capaz de recorrer à violência. Seus colegas evitavam sua companhia e ele começou a desenvolver doenças psicossomáticas. Longos turnos numa cama solitária no sanatório o poupavam da existência comunitária do dormitório, e ali lia voluptuosamente, até para padrões da ENS.

O entusiasmo de certa forma fortuito de Foucault pela história encontrava unidade agora. Começou a ler Hegel, o filósofo alemão do século XIX cuja filosofia insistia na coerência e no sentido da

história. O propósito da história era seu longo processo em direção à realidade final da razão e da consciência de si mesma. De acordo com Hegel, “tudo que é racional é real e tudo que é real é racional”. Sob a superfície dos fatos, a história possuía sua estrutura oculta. “Na história nos preocupamos com o que passou e com o que é; na filosofia, por sua vez, nos preocupamos não com o que pertence exclusivamente ao passado ou mesmo ao futuro, mas com o que é, tanto agora como eternamente — ou seja, a razão.” A história e a filosofia se tornaram uma única coisa, uma unidade que tinha relevância imediata para o presente.

De Hegel, Foucault progrediu para Heidegger, filósofo do século XX, que via a situação do homem como determinada por elementos mais profundos que a mera razão. “Todo o meu desenvolvimento filosófico foi determinado por minhas leituras de Heidegger”, Foucault escreveria mais tarde. A excitação do primeiro contato com o pensamento de Heidegger é mais bem retratada por sua aluna Hannah Arendt: “O pensar tornou à vida; os tesouros do passado, que se acreditava mortos, estão sendo colocados para falar. Nesse percurso, propõem coisas inteiramente diferentes das velhas trivialidades familiares que se presumia que fossem dizer.” O passado estava vivo no presente, e o modo como compreendíamos o passado demonstrava como poderíamos compreender o presente. A história não estava registrando a verdade do passado, mas revelando a verdade do presente. Assim era a orientação do pensamento de Foucault.

Na época, a filosofia de Heidegger era assunto de profundos debates nos cafés da margem esquerda do Sena. A desilusão do pós-guerra e um desespero com os valores tradicionais promoveram uma adesão entusiasmada ao existencialismo de Jean-Paul Sartre, ele mesmo influenciado por Heidegger. O existencialismo de Sartre era basicamente subjetivo e acreditava na “existência antes da essência”. Não havia algo como a essência humana ou a subjetividade. Essa existência nós mesmos a havíamos criado pela maneira como existíamos, fazíamos as nossas escolhas e agíamos no mundo. Além disso, nossa subjetividade não era nenhum elemento constante, aberto a uma definição estática e limitante.

Estava sendo criada continuamente, evoluindo constantemente como resultado da vida que levávamos.

Foucault absorveria muitas ideias de Hegel, Heidegger e Sartre. Porém, igualmente importantes eram as ideias que rejeitou, e sobretudo a maneira como se formou reagindo a esses filósofos, especialmente a Sartre. Como personalidade e pensador, Sartre dominava a cena intelectual e permaneceria uma presença constante em Foucault por quase toda a vida: um exemplo e um estímulo para suas aspirações. As ideias de Sartre desempenhariam papel similar. Foucault era, por temperamento, avesso a ficar por muito tempo na sombra de alguém. Não só tinha ambição, como também obstinação de se tornar independente — embora seu impulso reativo muitas vezes deixasse suas ideias para trás. Não haveria figura paterna para Foucault; uma havia sido o bastante.

O jovem estava se tornando maduro numa velocidade excepcional, tanto acadêmica como pessoalmente. Sua crescente segurança intelectual casava bem com seu autoconhecimento emocional. Aprendia a aceitar a própria homossexualidade, e a violência de sua personalidade era acalmada por ocasionais práticas sadomasoquistas.

Nessa época, as habilidades intelectuais de Foucault estavam começando a atrair a atenção de pessoas de liderança ligadas à ENS, que discutiriam suas ideias com ele. O antigo orientador de Foucault, Georges Canguilhem, vinha desenvolvendo uma história estrutural da ciência totalmente nova. Na sua visão, a ciência não progredia em evolução gradual e inevitável. A história da ciência envolvia uma variedade de descontinuidades distintas, em que o conhecimento daria um passo sem precedentes em direção a algum domínio novo. (A relatividade de Einstein talvez seja o exemplo mais conhecido no século XX.) Canguilhem distinguia-se ao ter qualificações tanto na filosofia como na medicina. Isso o permitia perguntar, com alguma perspicácia: “O que é psicologia?”. Ironicamente, atacava a psicologia no mesmo terreno que esta via como sendo sua função e força: o conhecimento do eu. Qual era a base do conhecimento psicológico? O que, precisamente, fazia ou tentava fazer? Tais perguntas eram de particular interesse para

Foucault, cujo comportamento errático anterior o havia colocado num embate frontal com a psiquiatria institucional. Havia sido, por temperamento, avesso ao papel de paciente e se desiludiu com a psicologia por trás do tratamento oferecido a ele. Isso o havia levado a "esquecer a coisa toda na hora em que o analista entrava em férias". Bem ali estava Canguilhem articulando o que ele, instintivamente, percebera como equivocado na psicologia — a falta de autoconhecimento sobre o que era e o que estava fazendo.

Foucault também atraiu a atenção de Louis Althusser, então um jovem instrutor na ENS. Durante a guerra, Althusser sobrevivera a cinco anos em campos de concentração e, como resultado, se tornara um marxista convicto. Estava, nessa época, desdobrando a teoria marxista no que seria visto mais tarde como uma direção estruturalista. Ao ler Marx, argumentava, devia-se olhar além da superfície do texto. Era necessário estar atento ao "horizonte de pensamento" que limitava a linguagem e os conceitos de Marx ao seu período histórico particular. Devia-se tentar entender os problemas fundamentais com que Marx estava lidando de fato (ainda que ele mesmo não tivesse tido ciência deles). Althusser convenceu Foucault a se filiar ao Partido Comunista Francês (PCF). Apesar do stalinismo, o PCF permanecia como a principal força política na França, em grande parte devido ao histórico papel que desempenhara na Resistência, durante a ocupação nazista. Foucault, todavia, não se sentiu bem no partido e compareceu a poucas reuniões. Tendo se acertado com a própria sexualidade e aceitado a posição central que esta ocupava em sua vida, ficou decepcionado ao ver a homossexualidade ser desprezada pelo partido como mera "decadência burguesa". (Althusser continuaria exercendo grande influência marxista sobre estudantes na ENS por bem mais de trinta anos, até estrangular a esposa em 1981. Como resultado disso, passou a última década da vida confinado num manicômio, onde escreveu uma brilhante autobiografia em que confessava quão pouco de Marx havia realmente lido.)

Em 1951 Foucault fez o exame final, conseguindo um resultado brilhante — como sempre, na segunda tentativa. Deparava-se agora com a possibilidade de ter de cumprir o serviço militar. Seu histórico de "depressão", no entanto, aliado ao que parece ter sido algum tipo

de manipulação por parte da família, garantiu que fosse dispensado desse desperdício de dois anos. Continuou, então, a trabalhar como professor na ENS, especializando-se em filosofia e psicologia. O interesse pela última o levou a ser um visitante assíduo da unidade psiquiátrica do Hôpital Sainte-Anne. Ali, logo passou a ser considerado, virtualmente, como um membro não remunerado da equipe de funcionários — permitiam-lhe inclusive lidar com pacientes numa unidade clínica. De volta à ENS, ficou conhecido por aplicar testes de associação Rorschach nos alunos “para que eu possa saber o que se passa em suas cabeças”.

Porém, tudo isso era mais do que simplesmente testes de borrões de tinta para estudantes bonitos e um ex-paciente ajudando a administrar um hospício. Foucault estava agora começando a formular sérias questões sobre psicologia, questões que iam além dos incitamentos de Althusser. Como se podia estudar cientificamente a “experiência”? A existência humana não era propensa ao estudo objetivo, devendo ser abordada através de sua humanidade. Isso poderia ser feito estudando-se o próprio conceito de humanidade e como esta evoluiu.

Foucault descobriu então o filósofo que transformaria todo o seu pensamento. Cronologicamente, Nietzsche havia precedido e influenciado muito Heidegger; era como se Foucault estivesse descobrindo as raízes mesmas do seu próprio pensar. Durante o longo e quente mês de agosto de 1953, Foucault deitou-se na praia em Civitavecchia (o antigo porto de Roma), absorvendo avidamente a mensagem do “filósofo do poder”. Nietzsche resistia ao exemplo da Grécia antiga, onde as forças autodestrutivas do frenesi dionisíaco alcançavam tanto o poder como a beleza quando controladas pela disciplina clara e pura da forma apolínea. Ambos eram igualmente necessários e isso valia tanto para o indivíduo como para a obra de arte. A verdade sobre si mesmo não era “algo dado, algo que temos de desvendar — é algo que devemos criar sozinhos”. Até a própria humanidade não passava de uma estrutura social, criada pelas forças culturais em constante transformação. Essa era exatamente a mensagem que Foucault estava esperando ouvir. Antes de ler Nietzsche, Foucault dizia ter o sentimento de

“estar preso”. Agora entendia que estava livre para criar por si mesmo como bem desejasse.

Porém, havia muito mais o que aprender. Exatamente como Foucault havia suspeitado, a humanidade só poderia ser estudada pela análise histórica de seu desenvolvimento. Foi como se a sua existência subjetiva e o seu entendimento da própria humanidade tivessem, de repente, quase se fundido. Leu: “O homem necessita daquilo que é o mal maior em si próprio para alcançar o seu melhor … O segredo para se tirar o maior e melhor proveito possível da existência é … *viver perigosamente*.” De fato, era o erótico que impulsionava a pessoa aos limites do possível. Apesar desta bravata, Nietzsche havia reprimido quase que totalmente a própria sexualidade. Mas a mensagem nietzschiana era como música para os ouvidos de um sadomasoquista. E isso estava a um passo de uma conjuntura maior: a ênfase de Nietzsche no papel central do poder em toda atividade humana caiu sobre Foucault como um raio. Era assim que o mundo funcionava!

A vida não se resumia à filosofia, é claro. Afinal de contas, Foucault estava morando em Paris. O ativo e jovem psicólogo-filósofo começara então a se socializar nos cafés intelectuais na margem esquerda do Sena. Certa noite, entabulou conversa com um jovem compositor chamado Jean Barraqué. Foucault gostava de música clássica contemporânea, sem compreender totalmente suas complexidades técnicas. Porém, logo decidiu que Barraqué era “um dos compositores mais brilhantes e menos valorizados da geração atual”. (Além de ser um clássico exemplo de projeção psicológica, isso também veio a se configurar como um juízo excepcional e profético, que só seria confirmado após a morte de ambos.)

Barraqué era dois anos mais novo que Foucault, um artista intenso e bastante nervoso que usava óculos para neutralizar sua miopia carrancuda. Bebia excessivamente, mas sua poderosa música modernista era banhada com claridade e precisão formal. Também era um admirador fervoroso de Nietzsche. Foucault e Barraqué ficaram instantaneamente atraídos um pelo outro e logo se apaixonaram. Discussão filosófica intensa, descontrole alcoólico, sexo sadomasoquista — tais eram os ingredientes inebriantes desse intenso caso de amor. Foucault sentiu-se absolutamente arrebatado;

Barraqué se entregava por completo e exigia tudo possessivamente. Para os dois, música e filosofia se tornaram uma coisa só. A *Séquence* de Barraqué, que contém um texto nietzschiano sugerido por Foucault, inclui as frases: “Não devemos odiar a nós mesmos se estamos em via de nos amar… *Eu sou o seu labirinto*.” A sexualidade que estava sublimada em Nietzsche era vivenciada por Barraqué e Foucault. Ao mesmo tempo, essa música seria de caráter estranhamente visionário no que se refere ao entendimento histórico e filosófico de Foucault. Outra composição musical de Barraqué desse período foi descrita como “um ápice de magnificência agonizante; o processo implacável está chegando ao fim agora, e a Música se quebra sob a melodia desumana, desintegra-se e é sugada pelo vazio. Fragmentos inteiros de som se esfacelam e desaparecem no oceano do silêncio que tudo traga.” Foucault estava começando a perceber que não apenas a música, mas a história e a verdade poderiam ser assim. Também o amor.

Porém, relacionamento algum seria capaz de resistir a um ritmo tão frenético. A possessividade de Barraqué desdobrou-se em ciúme paranoico. A independência obstinada de Foucault começava a se sentir sufocada. E ambos sabiam que suas relações com a bebida estavam fugindo ao controle. Após uma briga particularmente explosiva, decidiram que era melhor darem uma esfriada na relação. Em agosto de 1955, Foucault aceitou um cargo menor na Universidade de Uppsala, no sul da Suécia. Embora tenham prometido o contrário, o relacionamento não sobreviveria às longas separações que passaram a viver. (Barraqué continuou a compor, porém nunca mais no mesmo ritmo. Seu comportamento se tornou cada vez mais errático, e morreu em 1973 por causa do alcoolismo.)

Na Suécia, Foucault encontrou uma certa paz. Era como se tivesse sobrevivido a uma tempestade. Surgia agora como um ser humano de certa forma mais maduro, mais à vontade consigo mesmo — embora não houvesse dúvidas sobre a ambição veemente que ainda guiava esse homem de 30 anos mais relaxado. Comprou um arrojado Jaguar (supostamente para as viagens de mais de mil quilômetros de volta a Paris nas férias). Começou a ficar careca e adquiriu o hábito de vestir um terno xadrez de doer os

olhos. Durante os longos invernos, tornava-se um famoso anfitrião de jantares festivos. Seu talento na culinária francesa era uma revelação e a profusão de vinho muitas vezes produzia um efeito parecido. Quando sozinho, saía em seu Jaguar à procura de homens. Tudo era permitido na Suécia; porém, posteriormente, esse excesso de tolerância começou a perder a graça. Como mais tarde ele mesmo apontaria, às vezes a liberdade pode se tornar tão repressora quanto a repressão direta.

Foucault dava conferências sobre literatura francesa para turmas com estudantes majoritariamente do sexo feminino. De maneira característica, escolheu um aspecto bastante restrito do assunto, intitulando o seu curso de "A concepção do amor na literatura francesa, do Marquês de Sade a Jean Genet". É difícil imaginar qual foi a impressão daquela plateia de saudáveis garotas suecas de 18 anos sobre essa combinação de sadismo, sodomia e degeneração devassa. Enquanto isso, Foucault trabalhava horas a fio buscando mais bizarrices psicológicas e médicas para sua tese de doutorado. Infelizmente, aquilo era um pouco demais para as tolerantes autoridades suecas, que rejeitaram a tese com o eufemismo de que era "muito literária".

Mas Foucault estava seguindo os seus instintos. A potente mistura de filosofia nietzschiana, psicologia, história e prática clínica o estava conduzindo para um novo território que transgredia as fronteiras acadêmicas comuns. Aos 33 anos, quando regressou a Paris, Foucault havia concentrado seus interesses em um assunto abrangente. Começou a escrever a sua *História da loucura*. Tratava-se de algo ambicioso. Sua intenção não era registrar uma imagem mais nítida do que havia ocorrido no passado, mas exatamente o contrário: a imagem mais nítida seria do presente. (Ele descreveria sua história como "contramemória".) Procurava mostrar como até mesmo o conceito de loucura havia mudado através dos tempos, e o que isso significava. A postura frente à loucura era, na verdade, uma questão de percepção e prática sociais. Foucault desejava descobrir o "marco zero" em que a loucura se separara da razão. A que ponto a loucura havia sido primeiramente confinada e, portanto, isolada da razão, de modo a se transformar em "des-razão"?

Nos tempos medievais, os loucos vagavam livres pela sociedade. Eram considerados sagrados. De acordo com a análise de Foucault, o humanismo e o aprendizado do Renascimento introduziram uma mudança sutil nessa postura. A sacralização da loucura foi transformada no conceito mais humanista de “sabedoria”. O sábio louco era um reflexo irônico da loucura da sociedade. Os loucos de Shakespeare falavam a verdade de forma oblíqua. A loucura de Dom Quixote refletia a loucura da humanidade.

O Renascimento foi seguido pela Idade Clássica (mais pertinentemente conhecida, nos países de língua inglesa, como Idade da Razão). Pode-se dizer que essa era teve início com Descartes, o fundador da filosofia moderna. Descartes se tornou conhecido por usar a razão para duvidar de tudo, de modo que pudesse chegar a um fundamento da verdade. Como saber qualquer coisa com certeza? E se os meus sentidos estiverem me enganando? E se o mundo for um sonho ou mera alucinação? Algum “gênio maligno” pode até estar me enganando acerca das verdades da matemática. Não, tudo o que sei com certeza é que estou pensando. *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo). Sugestivamente, notou Foucault, a dúvida radical de Descartes não ia tão longe a ponto de questionar sua própria sanidade. A razão, então, reinava suprema — e inquestionável. (Ironicamente, não havia *razão* alguma para isso — eis o porquê da supremacia da razão ser contingente e, de modo algum necessária, lógica ou inevitável.) A razão se transformou, com isso, no princípio condutor de todo o pensamento intelectual e, ao fazê-lo, separou-se da irracionalidade. Tal modo de pensar logo se refletiu na prática. Seis anos após a morte de Descartes, o Hôpital Général foi fundado em Paris para o confinamento de loucos, junto com outros indigentes, mendigos e criminosos. Dizia-se que um em cem parisienses estava, na época, encarcerado.

A loucura havia se tornado des-razão e passou a ser fisicamente isolada do território da razão. Juntamente com a loucura, outras formas de comportamento “insensato” também eram isoladas da sociedade “sensata”. Mendigos e desocupados foram logo agrupados com tipos como homossexuais, vagabundos e bêbados. O louco não proferia mais sabedoria — foi silenciado e banido da

vida pública. Pior ainda, foi logo reduzido a um objeto do ridículo ou a uma advertência moral. A visita aos hospícios para ver os reclusos encarcerados e torturados em sua degradação assustada ou delirante virou um entretenimento popular. Não menos que 96 mil pessoas visitariam, a cada ano, o Hospital Bethlehem para insanos, em Londres. (A deturpação desse nome originou o termo inglês *bedlam* para hospício. Apropriadamente, o prédio em que outrora esteve localizado o hospício original, abriga, hoje, o Museu Imperial da Guerra.) Essa "descontinuidade" entre o Renascimento e a Idade Clássica viu a loucura ser reduzida a um escândalo, um crime. À medida que a loucura foi definida (e confinada), também o foi o comportamento sensato. A especulação racional sobre a sociedade produziu noções tais como a crença no valor moral do trabalho e as obrigações morais, que foram incorporadas às leis civis. Desvios se tornaram des-razão. Assim, esse novo conhecimento gerou um novo poder, com uma ligação íntima entre os dois.

De acordo com Foucault, seguiu-se então uma outra descontinuidade. No final da Idade Clássica, reformistas começaram a ver esse confinamento do louco como uma barbárie. A loucura não era uma questão criminal, mas uma doença, e como tal deveria ser tratada. A partir daí, o insano foi liberado do encarceramento e colocado sob cuidados médicos. Porém, ao passo que o corpo foi libertado, a mente foi aprisionada. Ao invés de cadeados, a medicação se tornou a ordem do dia. Por volta do final do século XIX, Freud deu um passo adiante. A loucura não mais era silenciada, era encorajada a falar no divã do psiquiatra. Essa liberdade, porém, também continha o seu próprio confinamento ulterior. O discurso psiquiátrico foi estabelecido, junto com uma estrutura que sujeitava o paciente ao onipotente e onisciente psiquiatra. Em todo esse processo, Foucault via um espelho da sociedade burguesa autoritária.

A loucura está, com isso, definida (e confinada) pela psiquiatria. A razão passou a ser saúde psicológica. Como podemos ver, aqui a própria palavra *razão* começa a mudar de significado — de forma a se alinhar à diferente definição de loucura. Ao mostrar como o conceito de loucura mudou e alterou seus limites ao longo do tempo, Foucault procurava libertar o presente de sua própria visão limitada.

A única maneira de a loucura se esquivar dessa autoridade todo-poderosa da razão era viver em si mesma. Mas como? Isso só poderia ser atingido por certos artistas e filósofos cujos extremos e excessos ultrapassavam os confins da razão. Foucault cita Van Gogh, o Marquês de Sade e Artaud nesse contexto. Com menos justificativa, também menciona Nietzsche, que foi, na verdade, silenciado por sua insanidade — embora Foucault esteja certo com relação à atitude de Nietzsche: “Só quem traz o caos dentro de si pode dar à luz a estrela bailarina.” Esses artistas e filósofos expressavam a loucura “em si mesma” e, ao fazê-lo, viravam a mesa. Confrontado com seus trabalhos, o mundo da razão é forçado a se justificar! Tal arte e imaginação distorcem e ampliam nossa percepção admitida da razão. (Aqui a *Noite estrelada* de Van Gogh fala por si só.)

Não é coincidência alguma que, por volta dessa época, o psiquiatra escocês R.D. Laing estivesse fazendo importantes descobertas práticas sobre a natureza da loucura. De acordo com Laing, a linguagem aparentemente incompreensível e autocontraditória do esquizofrênico é, muitas vezes, um aforismo da verdade distorcida que o paciente é incapaz de expressar. A esquizofrenia é, frequentemente, introduzida pela situação de contradição interior em que o paciente se encontra. (Como, por exemplo, dois pais que, ao brigarem, transmitem ao filho desnorteado uma realidade dividida — ou seja, esquizoide.)

Em sua *História da loucura*, Foucault demonstrou como a nossa ideia de loucura havia passado por descontinuidades que eram essencialmente contingentes. Quer dizer, tais mudanças não eram, de forma alguma, lógicas ou necessárias. Elas próprias eram irracionais! Essas mudanças do conhecimento também foram acompanhadas por modificações no poder (liberdade, encarceramento, tratamento). Foucault sugere que não se trata de nenhum caso isolado. O aparecimento de qualquer sistema de conhecimento está sempre relacionado com uma modificação no poder. Economia, sociologia e até ciência: o surgimento e o desenvolvimento de tais sistemas de conhecimento sempre são acompanhados por modificações significativas no poder.

Ao ser publicada em 1961, a *História da loucura* consolidou Foucault como um líder intelectual em Paris. O mercado agressivamente competitivo do meio intelectual francês passava por mudanças radicais. A velha guarda estava ficando obsoleta. Sartre e o existencialismo, o estruturalismo e as intermináveis variações do mais recente marxismo estavam sendo superados. Derrida e o desconstrucionismo, Barthes e a semiótica e agora Foucault estavam virando moda. Foucault conhecia bem Derrida e Barthes: a margem esquerda do Sena era pequena, com um conjunto de cafés intelectuais famosos. Porém, na realidade, o relacionamento de Foucault com os novos companheiros seria sempre desconfortável. Embora o pensamento de Foucault guardasse certas semelhanças com os de Derrida e Barthes, suas diferenças logo se tornariam claras.

Nesse época, o pai de Foucault morreu. Com a herança, o atuante filósofo de 34 anos de idade comprou um apartamento com vista maravilhosa dos cais do Sena, na Rue Dr. Finlay (assim chamada em homenagem ao médico cubano do século XIX, de origem franco-escocesa, que descobriu que o mosquito era o transmissor da malária).

Foi então que Foucault conheceu um estudante de filosofia e ativista político de esquerda chamado Daniel Defert. A França havia entrado numa terrível guerra colonial na Argélia, que tanto Foucault como Defert condenavam. Mas eles discordavam em suas teorias políticas. Foucault se recusava a concordar com a retórica de jovem extremista de Defert, que acusava o governo de De Gaulle de ser um “Estado fascista”. Defert era gay, sombriamente atraente e dez anos mais novo. Porém, o que parece ter atraído mais Foucault foi o seu ativismo político apaixonado. Logo se tornaram amantes, mas isso não seria apenas um envolvimento sem compromissos para nenhum dos dois. Defert, posteriormente, mudou-se para o apartamento de Foucault. Seriam parceiros por quase vinte anos, criando uma ligação afetiva profunda. Esta era forte o suficiente para sobreviver aos intermitentes acessos de raiva e mau humor causados pelo fato de ambos insistirem em manter uma relação aberta, ocasionalmente tendo outros parceiros. De acordo com Defert, Foucault era uma pessoa muito fácil de se conviver no dia a

dia e os dois apoiavam-se mutuamente diante do inevitável preconceito. Com toda sua autocultivada reputação de nação dos amantes, a França continuava um país católico em que a homofobia imperava, particularmente nos círculos acadêmicos.

Em 1963, Foucault publicou *O nascimento da clínica: uma arqueologia da percepção médica*. Essa obra é um exemplo do imenso trabalho sistemático de Foucault na pesquisa: horas e horas, dia após dia, praticando sua "arqueologia" em documentos originais na Bibliothèque Nationale. (Foucault afirmava, com pequeno exagero, ter lido cada um dos livros de medicina clínica publicados entre 1790 e 1820.) Nesse trabalho, mostra como, no início do século XIX, se deu outra descontinuidade. A medicina clássica dera lugar à medicina clínica. Anteriormente, o objetivo era eliminar a doença e proporcionar saúde. O corpo doente passou então a ser o foco do pensamento médico, e o objetivo da medicina deslocou-se significativamente. A noção vaga e aparentemente autoevidente de "saúde" foi substituída pelo objetivo de trazer o paciente "de volta ao 'normal'". (Esse conceito reaparece em descrições tais como "temperatura normal", "pulsação normal", e assim por diante.) Com o nascimento da clínica, a medicina se tornou uma ciência e, ao fazê-lo, uniu-se a outras ciências em formação tais como a anatomia, a fisiologia, a química e a biologia. Ao assegurar o seu lugar na sociedade institucional, a medicina se aproximou das estruturas políticas e sociais. A ideia de "normalidade" (em contraste com saúde) inevitável e insidiosamente ganhou alusões políticas e sociais. Nesse ponto, Foucault pretendia um paralelo com sua *História da loucura* em que a loucura (outro oposto da "normalidade" cientificamente definida e socialmente aceita) é isolada no hospício. De maneira semelhante, surge a clínica na medicina. Mais uma vez, Foucault delineia as transformações do poder que ocorreram com as modificações do conhecimento.

Foucault não só havia preenchido outra lacuna no nosso autoconhecimento social, como vinculara sua história à evolução dinâmica da própria sociedade. Perspicaz, havia observado que a chamada história era tão cheia de furos quanto um queijo suíço. Realmente, parecia que a história de tudo aquilo que trazia vida e cor à existência humana permanecia ausente. A história de

assuntos como o amor, a ganância, a crueldade, a punição e coisas do gênero era totalmente inexistente. Como esperamos compreender as transformações no poder e na estrutura da sociedade sem ter explorado muitos dos seus aspectos mais relevantes?

De 1964 a 1965, Foucault concluiu a grande obra que levaria suas ideias a uma posição de destaque em todo o mundo ocidental. O objetivo de *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* era nada menos que investigar como o próprio conceito de humanidade havia evoluído e se tornado um objeto de nosso conhecimento.

Primeiramente, é necessário definir os termos que, na época, haviam se tornado centrais no método de investigação de Foucault. Quando fala de "arqueologia", ele pretende a exumação das estruturas de conhecimento ocultas que dizem respeito a um período histórico particular. Isso consiste dos pressupostos e preconceitos (literalmente, pré-juízos), em geral inconscientes, que organizam e delimitam objetivamente o pensamento de qualquer época. Tais coisas são essencialmente distintas da inclinação subjetiva ou até da ignorância coletiva — pelo contrário, são o modo de pensar que afeta todos os indivíduos pensantes daquela época. Por exemplo, enquanto a Terra era tida como o centro do Universo, era impossível até mesmo imaginar as órbitas elípticas dos planetas. De maneira semelhante, como mostrou Foucault, sem um conceito de razão não poderia haver qualquer conceito de "des-razão".

O conjunto de pressupostos, preconceitos e tendências que estruturavam e delimitavam o pensamento de qualquer época em particular foi chamado por Foucault de *episteme*. A palavra é derivada da mesma raiz grega que o ramo da filosofia conhecido como epistemologia — a investigação dos fundamentos em que baseamos nosso conhecimento. (Por exemplo, coerência. Baseamos o nosso conhecimento no pressuposto de que o mundo físico se comporta de uma maneira coerente. Uma certa causa sempre vai dar origem a certo efeito. Caso contrário, automaticamente presumimos que a causa inicial, de alguma forma, alterou-se. Essa suposição de coerência não significa nunca um

conhecimento, mas é, no entanto, um dos pressupostos filosóficos em que o conhecimento se baseia.) A episteme de Foucault reside na estrutura integral de tais pressupostos: as tendências particulares de um período histórico. A episteme determina os limites da experiência do período, a extensão de seu conhecimento e até sua noção de verdade. Uma determinada episteme tende a originar uma determinada forma de conhecimento. Foucault chamou-a *discurso*, isto é, a acumulação de conceitos, práticas, declarações e crenças produzidos por uma determinada episteme.

Foucault ilustra a natureza "histórica *a priori"* da episteme em sua introdução a *As palavras e as coisas*. Ali, cita a antiga enciclopédia chinesa descrita num conto do escritor argentino Jorge Luis Borges. Essa enciclopédia distribui todos os animais conhecidos de acordo com uma classificação nada comum: eles são listados sob categorias como "aqueles que pertencem ao imperador", "animais amansados", "animais embalsamados", e assim por diante. Tais categorias podem parecer bizarras para nós, mas nos fazem dar conta de que o nosso próprio sistema de categorização não é, necessariamente, mais lógico. É, da mesma forma, contingente: uma ordem que impusemos em concordância com nossos pressupostos culturais particulares (episteme). Consideramos as espécies e as relações biológicas dos animais mais importantes do que aqueles a quem eles pertencem. (Talvez pensássemos diferente se a punição por tocar um animal do imperador fosse a castração, como era o caso na China antiga.) O conto de Borges nos faz perceber que qualquer sistema de classificação sempre terá suas limitações. Então, somos levados a nos perguntar quais são as limitações de nossa episteme.

Foucault continua a explorar essa questão ao empreender uma "arqueologia" das ciências humanas. Começa com a episteme do Renascimento. Infelizmente, opta por caracterizá-la de uma maneira particularmente unilateral e tendenciosa. Na visão de Foucault, a episteme do Renascimento baseava-se em semelhanças: "similitudes" e correspondências. Ilustra isso ao descrever a "doutrina das assinaturas", que era, realmente, típica do modo de pensar renascentista. De acordo com essa doutrina, Deus indicava afinidades entre as coisas por meio de semelhanças (ou

assinaturas). Por exemplo, se uma orquídea guardava uma estranha semelhança com um testículo, isso indicava que poderia ser usada na cura de doenças venéreas. Assim, flores amarelas eram boas para icterícia. Para o pensador do Renascimento, o mundo era um livro a ser “lido”. A interpretação e a significação metafórica, não a observação e o experimento científico, eram a ordem do dia.

Esse era o caso, certamente, em ciências como a medicina e a emergente química (que permaneciam, virtualmente, indistinguíveis da alquimia). Porém, definitivamente, não era a verdade da astronomia e da biologia (considerando o novo ímpeto dado pela descoberta do telescópio e do microscópio), da anatomia e da física. Foucault cita o trabalho de inúmeros pensadores renascentistas, como o pioneiro médico Paracelso, o matemático Cardano e o filósofo Campanella. No entanto, além de ser um físico magnífico, Paracelso era alquimista; da mesma forma que Cardano também era astrólogo e Campanella, utopista. Os mais importantes e, para nós, mais característicos personagens do Renascimento são ignorados. Nenhuma menção é feita a Copérnico, Galileu ou Harvey (cuja descoberta da circulação do sangue ajudou a dar cabo de superstições como a doutrina das assinaturas).

A indicação de epistemes de Foucault foi realmente importante, mas sua argumentação foi prejudicada pela simplificação excessiva. Havia mais de uma episteme presente no pensamento do Renascimento, ou, mais efetivamente, no pensamento de um homem do Renascimento: Copérnico pode ter descoberto o sistema solar, mas apelou para a autoridade do alquimista Hermes Trismegisto para sustentar sua argumentação. A transformação de uma episteme em outra era, de certo modo, mais complexa do que Foucault estava querendo admitir.

Ainda assim, o seu ponto principal parece inegável. A episteme do Renascimento deu lugar à episteme da Idade Clássica (ou à episteme da Idade da Razão). O pensamento trocou a semelhança pela distinção. A análise deu origem à mensuração e ao experimento. O uso da razão levou à discriminação. As substâncias químicas eram vistas como sendo constituídas de elementos ou combinações de elementos; animais e plantas passaram a ser

classificados por espécies; o ouro foi tido, pela primeira vez, como a medida maior da riqueza de uma nação.

O conhecimento não era mais um assunto obscuro, apenas para iniciados. Era resultado da observação científica, aberta a todos. Porém, essa episteme baseada na razão e na observação apresentava um efeito colateral curioso. Em sua tentativa científica de tornar a imagem mais clara, eliminava o efeito do sujeito (o observador). A episteme da Idade Clássica reproduzia o sujeito invisível. Não havia espaço para a própria humanidade como um objeto de estudo científico.

Com o advento do século XIX, isso também mudaria. A humanidade começou a ser estudada como um sujeito histórico. Pensadores tão díspares quanto Darwin, Hegel e Marx passaram a ver a humanidade evoluindo através do desenvolvimento histórico. Esse ponto de vista perdurou ao longo do século XX. Os efeitos dessa episteme permaneceram centrais para o existencialismo de Sartre, que insistia na "existência antes da essência". Em outras palavras, nós criamos nossa individualidade essencial através de nossa existência; não temos uma essência dada. Na biologia, a humanidade se tornou objeto da pesquisa antropológica. Na economia, a riqueza veio a ser medida mais em termos de trabalho que do ouro inanimado. O homem da razão adquiriu profundidade e se tornou objeto da psicologia. Porém, dizia Foucault, tal estado de coisas não irá perdurar: "Antes do fim do século XVIII, o homem não existia. Como a arqueologia do nosso pensamento mostra facilmente, o homem é uma invenção recente, e que talvez esteja se aproximando do fim."

Mais uma vez, Foucault estava, claro, simplificando em excesso. Sua pesquisa, que se limitava a documentos contemporâneos, era irregular. O *insight* brilhante era parte de um quadro amplo cheio de remendos. Os aspectos individuais que colocava eram ilustrativos, mas, muitas vezes, insustentáveis genericamente. Simplesmente não é verdade que o conceito de "homem" (ou de humanidade) não existia como objeto de estudo, especulação e pensamento antes do fim do século XVIII. Exemplos não faltam: dos questionamentos incitados pela reverência divina na Bíblia à tentativa vã de Platão de chegar a uma definição lógica de humanidade (o famoso "bípede

implume”, que levou um dos discípulos mais irreverentes de Platão a arremessar uma galinha depenada contra o muro da Academia). E Shakespeare é, obviamente, repleto de tais especulações, das considerações confusas de Hamlet a:

> Mas homem, orgulhoso homem
> Revestido de parca e breve autoridade,
> Mais ignorante daquilo de que está mais convicto,
> Sua essência vítrea, como um macaco raivoso …

Foucault argumentaria que esses exemplos não fazem parte da arqueologia das ciências humanas. Sempre haverá casos, no entanto, em que o *insight* psicológico se estende para além da literatura e invade a ciência e a filosofia.

Porém, o argumento de Foucault de que o conceito de humanidade “inventado recentemente” deve estar se aproximando do fim tem uma força considerável. À medida que o conhecimento sobre o DNA se desenvolve e nossa perícia na manipulação genética aumenta, o conceito de humanidade pode muito bem se tornar redundante. A transformação drástica está, de certa forma, no futuro. No entanto, alterações progressivas (especialmente de genes “defeituosos”) certamente começarão a corroer nossa ideia do que seja precisamente um ser humano, e do que significa ser humano.

Ao mesmo tempo que Foucault começou a promover a noção de episteme, no outro lado do Atlântico o historiador da ciência norte-americano Thomas S. Kuhn surgiu com a ideia, incrivelmente semelhante, de paradigma. As epistemes de Foucault foram descobertas pela arqueologia no amplo território cultural das ciências humanas. Os paradigmas de Kuhn eram aplicados mais exclusiva e particularmente à ciência propriamente dita. “Mudanças de paradigma” eram responsáveis pelos grandes avanços espetaculares na ciência — como aqueles proporcionados por Copérnico, Newton e Einstein. Depois de tais avanços, nossa visão de mundo jamais seria a mesma. Cada um desses pensadores descobriu um modo inovador de pensar que estabeleceu um modelo para a pesquisa futura. Depois de Einstein, o tempo e o espaço (e a

matéria e a energia) não podiam mais ser vistos como absolutos: eram relativos.

No entanto, essa abordagem repercutiria de uma maneira inesperada. O problema tanto com Foucault quanto com Kuhn era que pareciam destruir qualquer noção absoluta de verdade. Se nosso modo de pensar era sempre determinado por uma episteme (ou paradigma), tudo indicava que nunca poderíamos chegar à "verdade". Assim, se todas as epistemes eram contingentes, como poderíamos provar que uma episteme era melhor que a outra? Não poderíamos. Logo, toda verdade era relativa; só dependia de como as coisas eram vistas. Críticas simplistas como essas pouco afetavam Foucault ou Kuhn. A questão é que uma episteme (ou paradigma) se mostrará mais útil (ou, teoricamente, mais fecunda) do que a outra. Ela proporcionará uma aproximação maior da imagem perfeita e inatingível (em outras palavras, da "verdade absoluta") daquilo que realmente acontece. *Algo* inegavelmente acontece, mas nosso aparato perceptivo nos capacita a experienciar somente certos efeitos desses acontecimentos. A crença em nossa habilidade de descobrir a verdade absoluta acarreta a crença de que nosso aparato perceptivo — e sua extensão nos instrumentos científicos — está totalmente adequado à realidade. Nossos olhos registram apenas a luz entre os raios ultravioleta e infravermelho. Como podemos saber se nossos instrumentos científicos, que são apenas uma extensão do nosso campo perceptivo, não são igualmente limitados? E de que modo pode a nossa experiência visual do "vermelho" ser tida como uma equivalência absoluta da radiação eletromagnética com comprimento de onda de 7×10^{-15} cm? E qual a certeza sobre 2 + 2 = 4 ser uma verdade absoluta? Talvez, mas, como apontou Einstein, "na medida em que as leis da matemática se referem à realidade, elas não são exatas, e na medida em que são exatas, não se referem à realidade". É dentro dessa lacuna que os paradigmas de Kuhn operam. Da mesma forma que as epistemes de Foucault — embora estas tendam a ser aplicadas no campo cultural, mais amplo e menos preciso.

Em 1964, Defert, o parceiro de Foucault, foi convocado para o serviço militar e preferiu o trabalho voluntário ao exército. Foi mandado à Tunísia para dar aulas. Para não enfrentar uma longa

separação, Foucault logo o seguiu, aceitando um cargo de professor-visitante na Universidade de Túnis. Ali, logo se adaptou ao agradável modo de vida mediterrâneo, fixando residência num estábulo modificado por um designer, na colônia de artistas franceses em Sidi-Bou-Said. Em Túnis, Foucault podia usufruir do melhor dos dois mundos, as culinárias francesa e norte-africana, vinho e haxixe, discussões intelectuais nos cafés e jovens árabes bonitos. Na universidade, dava palestras sobre Nietzsche e elaborava os *insights* culturais de sua pesquisa sobre a episteme moderna.

Alguns críticos já haviam começado a considerar Foucault "o novo Kant". Comparavam seu conceito de episteme à noção de "sintético *a priori"* desenvolvida por Kant no final do século XVIII. Colocando de maneira simplificada, Kant insistia em que somos obrigados a ver o mundo através de lentes determinadas pelo "tempo-espaço". A descrição de Foucault do pensamento inevitavelmente limitado e estruturado associado a uma episteme parecia ser de fato um desenvolvimento dessa ideia. No entanto, comparar os decorrentes *insights* culturais de Foucault à colossal magnificência do sistema filosófico de Kant era francamente absurdo. Mesmo Foucault, a princípio lisonjeado, logo começou a se cansar de tamanha hipérbole.

Porém, a confortável vida de Foucault como celebridade filosófica no exílio (recebendo o *Le Monde* toda manhã) logo ficaria em pedaços. Em dezembro de 1966, os estudantes de Túnis se manifestaram contra o regime cada vez mais repressivo do presidente Habib Bourguiba. Encorajado por Defert, Foucault apoiou ativamente os estudantes. Pela primeira vez na vida, tornou-se "completamente politizado", na visão de seu parceiro. Em certa ocasião, Foucault apanhou da polícia e depois abrigou estudantes fugitivos em seu apartamento.

Estar em Túnis, todavia, significava que Foucault perdia os grandes acontecimentos políticos franceses de sua vida adulta: os é*vénements* de 1968, em Paris. Durante o mês de maio, estudantes parisienses tomaram toda a margem esquerda do Sena, paralisando totalmente a capital. Ativistas e filósofos faziam discursos improvisados para assembleias de estudantes animados. Até De

Gaulle temporariamente se descontrolou, voando secretamente para uma base militar francesa na Alemanha. Passaram-se várias semanas até que os cassetetes e os jatos d'água do batalhão de choque da polícia vencessem as barricadas nas ruas e retomassem o controle. Casualmente, Defert estava em Paris — mas, durante todos os é*vénements*, manteve o parceiro informado dos últimos acontecimentos por telefone.

Distante mais de dois mil quilômetros em outro continente, Foucault ficou desesperado. Porém, a distância dos eventos em Paris possibilitou que pensasse claramente sobre o que acontecia. Chegou à conclusão de que um novo tipo de política estava surgindo, que podia muito bem transformar a sociedade. A partir daí, Foucault passaria a ser politicamente atuante, acreditando que sua filosofia era um instrumento político. Aqueles eram os anos 1960: questionava-se tudo, qualquer coisa era possível. Como Foucault se voltara para os ativistas jovens, eles, por sua vez, se voltaram para a última perspectiva filosófica oferecida pelo "novo Kant". A partir de então, Foucault se veria atingindo uma plateia muitíssimo mais ampla. Sua obra seria traduzida para todas as principais línguas, seus livros "surrupiados" de livrarias em todos os lugares, de Berkeley a Buenos Aires.

Ainda em 1968, Foucault retornou a Paris. Havia, na época, completado 40 anos e estava começando a se preocupar com sua aparência envelhecida. Irritado com a calvície, decidiu raspar a cabeça. Passou também a usar um suéter de gola alta e terno de veludo cotelê "para não precisar passar". Criava-se, assim, a imagem do filósofo careca, com óculos, "chique-durão". Nascia uma figura pública inconfundível para estar à frente das palavras — assim surgiu a lenda de Foucault.

Em Paris, Foucault assumiu um compromisso na modernosa e experimental Universidade de Vincennes, que fora construída nos arredores a leste da cidade. Foi oficialmente designado "chefe" do departamento de filosofia. (Professores estavam por fora, a moda agora era Mao Tsé-Tung.)

Havia muito, o sistema educacional francês estava atrasado no que diz respeito a reformas. Tudo era controlado a tal ponto que se dizia que, às onze horas de uma manhã qualquer, o ministro da

Educação saberia precisamente que página de qual livro didático estava sendo estudada em cada sala de aula através da França. A Universidade de Vincennes estava determinada a abrir caminho em direção a um admirável mundo educacional novo. Em vez de ser dirigida por uma ordem rígida (como o pai de Foucault conduzira sua escola médica), a universidade funcionava por "participação". Foucault rapidamente tomou providências para Defert ser nomeado para o departamento de sociologia, bem a tempo para as primeiras manifestações estudantis. A universidade passou então a ser um campo de batalha entre maoistas, ativistas estudantis, comunistas, marxistas e os mais recentes grupos separatistas de todas essas facções, que convergiam para o campus vindos de toda a Paris. (A linha de metrô que vinha da margem esquerda do Sena passou até a ser conhecida como a "linha partidária".)

A polícia, triste vítima dessa educação desorientada, não tinha outra alternativa senão agir conforme havia sido educada. Entusiasticamente, atacou a escola com gás lacrimogêneo e cassetetes para dispersar os manifestantes e, dessa vez, Foucault pôde erguer barricadas em seu estiloso terno de veludo cotelê. Infelizmente, sua familiar careca e o suéter branco de gola alta fizeram dele um alvo instantâneo, e teve a sorte de se safar com apenas uma violenta pancada dos tiras.

Foucault tinha então admiradores em altos cargos. Alguns viam-no como a estrela intelectual francesa que iria substituir o envelhecido Sartre no cenário internacional. Foucault então teve seu nome indicado para o consagrado Collège de France, fundado no século XVI. Essa instituição singular era constituída de cinquenta professores importantes, cobrindo todas as áreas, da física à música. O Collège não concedia nenhum título acadêmico, mas, em troca da posição, os professores assumiam o compromisso de dar uma série de conferências sobre o trabalho que vinham desenvolvendo. Essas conferências eram abertas ao público geral e atraíam as cabeças mais brilhantes de cada área. Após um certo *lobby* persistente, Foucault foi nomeado para uma cátedra que havia sido criada recentemente. Como afirmou um influente membro da faculdade, o Collège "cuidava para que nenhum gênio lhe escapasse pelos dedos". Devido à natureza excepcional de seu

campo de pesquisa, foi permitido a Foucault designar seu próprio título, e ele se tornou “professor da história dos sistemas de pensamento”.

As conferências de Foucault no Collège de France, e seus escritos durante esse período, retornavam à base nietzschiana do seu pensamento. Na *Genealogia da moral*, Nietzsche havia traçado a linhagem dos conceitos éticos modernos desde suas origens. Por exemplo, havia demonstrado quanto o cristianismo devia aos seus primórdios como religião dos escravos do Império Romano tardio. (A ênfase na humildade, compaixão, o oferecimento da outra face: assim era como sobreviviam os desprovidos de poder.)

Ainda como resultado da influência de Nietzsche, Foucault introduziu o seu “método genealógico”. Este explorava a “história do presente” no desenvolvimento de uma vasta gama de diferentes disciplinas ou “saberes”, da literatura à medicina. Em lugar de epistemes, focalizava agora o “discurso” de cada conhecimento. Isso consistia na vontade de verdade, mas o método tendia a rejeitar o que não era compreendido. Por quê? Porque o que não era compreendido era, literalmente, “inútil”. O conhecimento sempre tinha um propósito: era caracterizado por uma vontade de dominar ou apropriar. Não se tratava de uma entidade abstrata neutra. O conhecimento era buscado por sua utilidade; era potente e instável. Isso levou Foucault ao conceito de “saber/poder”, mostrando como os dois estavam intrinsecamente ligados. Assim, a vontade de verdade não passava de uma versão deturpada da vontade de poder central em Nietzsche, o impulso humano primordial. A “genealogia” de Foucault procurava analisar a relação entre o poder e qualquer “saber” particular.

Foucault, no entanto, se distinguia de Nietzsche em um aspecto importante. Para ele, o poder não residia tanto nos indivíduos, tal como nos notórios “super-homens” de Nietzsche. Foucault reconhecia que o mais importante aspecto do poder estava nas relações sociais. Indivíduos teriam poder na forma de dominação e coerção; mas mais importante, o poder estava também envolvido na produção e no uso do saber. Em meio à complexidade da sociedade moderna, com sua multiplicidade de divisões de poderes, isso parece uma análise mais profunda.

As mudanças e negociações de poder criam os espaços onde discursos podem surgir. Esses saberes, e na verdade todas as teorias, são contingentes — assim como o é a configuração de verdade e falsidade contida nesses saberes. Isso evolui, cresce, passa por mudanças repentinas — tem sua própria genealogia. E, devido a essa configuração, é contingente, assim como o critério de verdade no âmbito daquele saber em particular.

Mais uma vez, a noção de verdade absoluta é fatalmente solapada. Porém, a relatividade de tais verdades continua ainda sujeita à condição mencionada previamente. Cada diferente verdade é a verdade sobre uma realidade tal como foi concebida naquele momento particular. Essa verdade pode conter falhas, lacunas e até contradições, mas, uma vez que funcione bem o suficiente para o saber ao qual se aplica, continuará sendo aceita. Em outras palavras, enquanto cumprir a exigência do seu *poder*.

Há na história exemplos abundantes disso — da visão ptolomaica do céu, que perdurou por mais de mil anos, à história ainda mais extensa da alquimia. Esse conceito de verdade é detectável até na mais avançada ciência exata contemporânea. A discrepância entre a física quântica (que é amplamente aplicada em níveis subatômicos) e a mecânica clássica (que continuamos a aplicar no cotidiano e até na engenharia complexa) é evidente para todos os cientistas. Mas a “verdade” de ambos os sistemas é aplicada, ainda que isso seja inegavelmente contraditório, porque ambos têm o *poder* de produzir o *saber*, que pode, assim, servir para um uso *poderoso*. Nem a versão da verdade quântica nem a da clássica são absolutas, e sua coexistência, certamente, não é lógica. Até a ciência mais recente é, dessa maneira, contingente.

Esse relativismo acaba por ser aceitável. (Não há alternativa.) Foucault, contudo, foi ainda mais longe em desconstruir a realidade. Assim como a “verdade” é uma construção do seu discurso, um produto do conhecimento ao qual se aplica, também outras construções afloram nos lugares mais inesperados. Por exemplo, no conceito de “autor” de uma obra literária. Esse conceito não deve ser identificado com um ser humano individual que senta à escrivaninha e escreve um livro. Não, diz Foucault, o autor que produz essa obra é, na verdade, uma construção feita a partir da

conjunção de uma infinidade de fatores, incluindo a linguagem, a concepção de literatura daquele período em particular, naquele lugar específico e uma variedade de outros elementos sociais e históricos. Quando estes são analisados, a noção de "autor" simplesmente desmorona e desaparece: "Ele, na verdade, não é a causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou falada de uma frase; tampouco é aquela intenção significativa que, silenciosamente, antecipando palavras, ordena-as como o corpo visível de sua intuição." De fato, o autor pode "se modificar a cada frase".

Isso ou é insensato ou evidente por si mesmo. Todo autor está, é claro, sujeito às influências de suas circunstâncias, cultura e linguagem. Seria, portanto, deveras perverso para este escriba menor vestir sua nudez com os ouropéis de um veterano. Da mesma forma, como demonstrado, um autor pode variar de frase para frase. Isso, no entanto, não significa que eu tenha sumido numa nuvem de fumaça. A ideia de Foucault segundo a qual o autor é puramente um produto do seu material e das suas circunstâncias aplica-se, é claro, tanto a ele mesmo quanto a qualquer outro autor. Logo, a ideia de um autor inexistente, presume-se, deve ter vindo de um autor existente. Isso não reflete coisa alguma sobre seu nada, ou alguma coisa sobre o seu algo, por assim dizer.

Nesse ponto, Foucault levou o seu *insight* a um extremo impensável — que era, ironicamente, um produto genuíno de sua era. O desconstrucionismo de Foucault ecoa a filosofia behaviorista que era moda nos anos 1960 e 1970. De acordo com o behaviorismo, não existe algo como a "mente"; tudo o que temos são causas observáveis de efeitos observáveis, em outras palavras: comportamento. A semelhança com as ideias de Foucault é óbvia — embora o próprio Foucault não seguisse o behaviorismo. Se isso é um argumento a favor ou contra o sujeito inexistente de Foucault, fica a cargo da interpretação do leitor (que pode estar interessado em saber se, de acordo com a análise de Foucault, ele também não existe, exceto como uma construção cultural).

Muitas dessas ideias apareceram em *A arqueologia do saber*, publicado em 1969. O livro foi recebido com ampla aclamação no exterior e exaustiva crítica mordaz nos círculos intelectuais

parisienses (um sinal claro de que alguém ingressara no panteão da cultura francesa). Foucault e Defert se mudaram para um moderno apartamento antigo no alto da Rue de Vaugirard, uma das principais vias de comunicação da margem esquerda do Sena. A vista do oitavo andar permitiu que Foucault adquirisse um novo *hobby*: voyeurismo de jovens rapazes nos apartamentos do outro lado da rua (com o auxílio de seu potente binóculo). A claraboia permitiu que retomasse um antigo hábito: plantar cânabis, como fazia em Túnis. E, à noite, entretia convidados elegantes, como Julie Christie e Jean Genet, com sua destreza culinária. Porém, havia também um lado mais obscuro que poucos, apenas os mais íntimos, dos seus amigos percebiam. Cada vez mais frequentemente, o elegante intelectual em sua gola alta e veludo cotelê se transformaria numa exótica criatura da noite, vestida em couro e fazendo a ronda dos bares sadomasô. Aqueles que o encontravam nesses trajes definem a experiência como sinistra.

Em 1970, Foucault foi convidado a dar palestras em Tóquio e, nesse mesmo ano, deu um ciclo de conferências altamente aclamado na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Em São Francisco, descobriu os prazeres das termas — infernos cavernosos e vaporosos onde, literalmente, centenas de homens se juntavam para participar de sodomia e outras práticas para “iniciados”. O que na França era proibido, era celebrado nos Estados Unidos. Ao contrário de tantos outros intelectuais franceses, Foucault entendia facilmente e apreciava o estilo de vida norte-americano — e não somente suas praias mais selvagens.

É fácil condenar a conduta sexual de Foucault. Como pode um filósofo sério se comportar dessa forma? O que teriam dito Platão e Spinoza? No entanto, poucos de nós vivemos como gostaríamos. A vergonha (e/ou a hipocrisia) é uma sutileza aparentemente inevitável da existência social civilizada. Quanto mais sabemos sobre os pensadores, em especial sobre os modernos, mais estranhos parecem ser muitos dos seus comportamentos. Lendo nas entrelinhas, podemos presumir que tanto o Platão voltado para o outro mundo e o santo Spinoza eram homossexuais. Quem dirá o que isso implica? Essa informação devia promover mais o entendimento do que o preconceito. Pois, como Nietzsche formulou:

“O grau e o tipo de sexualidade de um homem atingem o ponto supremo do seu espírito.” Certamente não era nenhuma coincidência que o Wittgenstein que pronunciou “Sobre aquilo que não podemos falar, devemos calar” fosse ao mesmo tempo um homossexual enrustido.

Foucault também estava se tornando mais politicamente ativo. Em 1970, Defert havia se tornado membro do clandestino grupo maoista revolucionário Gauche Prolétarienne (Esquerda Proletária), que tinha um grande contingente dos seus membros na prisão. Como resultado, Foucault organizou o Groupe d’Information sur les Prisons (Grupo de Informação sobre as Prisões), que tinha como objetivo atrair a atenção pública para as condições desumanas que prevaleciam no sistema carcerário francês. (A execrável Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, o inferno tropical que aparece no filme *Papillon*, havia sido desativada somente pouco mais de uma década antes.) As intenções de Foucault eram tanto políticas como humanitárias — sem esquecer, é claro, o inevitável elemento de autopromoção tão necessário aos intelectuais franceses. Porém, também tinha um propósito filosófico que era em grande parte uma extensão do seu pensamento anterior. De acordo com sua postura, o intelectual “descobre e identifica os pontos fracos, as aberturas, as linhas de força [a serem encontrados] nas inércias e coerções da situação atual”. Ele não tem ideia do futuro, pois “não sabe precisamente em que direção está rumando ou o que estará pensando amanhã”. A intenção declarada de Foucault, tanto política como filosoficamente, era o “desejo único de tornar conhecida a realidade”.

No inverno de 1972, Foucault fez uma palestra na Universidade do Estado de Nova York, em Buffalo. O inverno apático do leste na desolada parte norte do estado de Nova York era muito diferente do balsâmico sonho californiano. Deve ter havido menos com o que se entusiasmar no leste dos Estados Unidos, mas o lugar, por sua vez, tinha lições para dar ao filósofo do poder. O que viu foi “aquele gigantesco, tecnológico, um pouco aterrorizante, aspecto Piranesi que permeia a visão que muitos europeus têm de Nova York”. Marcou uma visita à prisão de Attica State, palco recente de sangrentas rebeliões. Ali encontrou condições bem diferentes da

brutalidade crua, da sordidez e da degradação do sistema carcerário francês. Era como se estivesse entrando numa nova episteme histórica. “O que primeiro me impressionou foi a entrada, como a fortaleza de uma Disneylândia falsificada com postos de observação disfarçados como ameias medievais. E por trás dessa ridícula fachada que torna pequeno todo o resto, você descobre que o lugar é nada mais que uma imensa máquina de eliminação … uma espécie de estômago imenso … que ingere, consome, despedaça e, então, expele… que consome no intuito de eliminar além do que já foi eliminado pela sociedade.”

Sadomasoquismo, sistema penal, filosofia do poder — no livro seguinte de Foucault, o pessoal e o público, tanto em seu pensamento como em sua vida, fundiram-se numa única obra: *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Apesar do título, o livro não se limitava às prisões, tratando também de instituições como escolas, fábricas e até hospitais. Foucault reconhecia que, nesses lugares, o poder não oprimia meramente, como também afetava o opressor. Todos aqueles que trabalhavam dentro de tais sistemas estavam ligados por uma complexa rede de relações de poder. Sempre desejando acompanhar os últimos desenvolvimentos da ciência, Foucault batizou seu tema de “a microfísica do poder”.

Mas isso não viria a se configurar como um exame abstrato de sutilezas minuciosas. Na página de abertura, Foucault cita um documento contemporâneo relacionado a uma execução do século XVIII capaz de acelerar o coração até de um sadomasoquista. O fanático Robert Damiens falhara em assassinar o rei Luís XV em Versalhes, no dia 2 de março de 1757, sendo obrigado a pedir “perdão publicamente” em frente à Igreja de Paris. Essa sentença aparentemente inócua envolveu o prisioneiro numa curiosa cerimônia: “Em um cadafalso, a carne de seu peito, braços, coxas e panturrilhas será dilacerada com uma tenaz incandescente. A mão direita, segurando a faca com a qual cometeu o mencionado parricídio, será queimada com enxofre. E naquelas regiões em que a carne for arrancada será despejado chumbo derretido, junto com óleo fervente, resina ardente, cera e enxofre derretidos, e, então, seu corpo será arrastado por quatro cavalos e esquartejado, sendo os membros e o tronco consumidos pelo fogo…”, e assim por

diante. As descrições desses eventos citadas por Foucault prosseguem além das quatro primeiras páginas do livro. Incluem referência aos “horríveis” … “profusos prantos” da vítima, e detalhes de como o executor, cujo nome era Sansão, achava “tão difícil arrancar os pedaços de carne que investia sobre a mesma parte duas ou três vezes, girando a tenaz enquanto o fazia”. Foucault então nos descreve instrutivamente o desfecho do processo de esquartejamento, quando os quatro cavalos chicoteados, amarrados aos membros do prisioneiro, se mostraram insuficientes para separá-los; seis também não foram o bastante; e, finalmente, o (ainda consciente) Damiens teve que ser cortado com uma faca por Sansão.

A filosofia nunca havia se mostrado dessa maneira. Até a descrição de Platão das insistentes tentativas de Alcibíades de seduzir Sócrates perdiam a cor pela comparação — embora talvez a advertência de Nietzsche, “Vai encontrar uma mulher? Não se esqueça do chicote”, fosse uma alusão à direção que a filosofia estava tomando. Ainda que tenha prendido a atenção do leitor (ou pior), tinha Foucault algo importante a dizer? Ele explica que o nascimento da prisão aconteceu por volta da virada do século XVIII, quando a tortura e a execução em praça pública deram lugar ao encarceramento. Em vez de simplesmente destruir o corpo do indivíduo criminoso, a sociedade assumiu o controle sobre ele. Mudanças semelhantes aconteceram em toda a sociedade, uma vez que o corpo se tornou sujeito ao poder. A disciplina rígida foi introduzida no exército; as fábricas da Revolução Industrial requeriam uma força de trabalho organizada e disciplinada. Era a época em que Napoleão estava consolidando as fundações da França moderna. Essas transformações envolviam um controle mais abrangente sobre a sociedade: um novo sistema judiciário, novos regulamentos, a tentativa de organizar muitos aspectos da vida pública. Os modos rurais de reverência ao tempo deram lugar a uma existência urbana estruturada.

Foucault examina esse processo em microcosmo em relação ao nascimento da prisão. A instituição penal não surgiu da filantropia de reformistas e de mudanças humanitárias no direito penal. Foi, antes, consequência da sociedade reguladora e disciplinada que estava

começando a surgir. O poder que outrora havia meramente triturado o corpo estava, assim, tornando-se articulado, assumindo o controle sobre esse corpo. Nas prisões, assim como nas escolas, fábricas e exército, o corpo estava sendo submetido à disciplina e à vigilância. Foucault cita o modelo clássico do “Panóptico” (literalmente, “vê-tudo”) de Jeremy Bentham para prisões, uma estrutura em forma circular, com uma plataforma de observação erguida no meio. Isso possibilitava que um observador central espionasse as celas situadas abaixo, ao redor do prédio. Cada prisioneiro nessas celas estava, então, ciente de que suas atividades eram vigiadas o tempo todo. Ali estava a imagem arquetípica da nossa sociedade. O paralelo com os registros anteriores de Foucault era evidente. O encarceramento envolvia controle e saber. Poder e saber eram uma única coisa.

Porem, inevitavelmente, o poder sofre uma transformação nesse ponto. Na análise de Foucault, ele não é mais substantivo. Ou seja, não possui mais substância como anteriormente. Não é absoluto e controlado por uma pessoa central — como, por exemplo, na monarquia absoluta de Luís XV. O poder passa então a ser uma “tecnologia”: é a técnica pela qual uma sociedade regula seus membros. O indivíduo moderno foi criado em meio a essa pletora de regras e regulamentos. Em muitos casos, foi criado em reação a essas censuras. Isso pode ser visto na figura arquetípica do dândi. Mais do que ter sua individualidade extinta, o dândi sentiu necessidade de se expressar — de uma maneira extravagante e visível que escapava ao número crescente de regras e regulamentos.

Foucault prossegue mostrando como o nascimento da prisão foi acompanhado pelo surgimento de diversas ciências sociais, entre as quais a criminologia, a sociologia e a psicologia. Os detentos do sistema penal podiam ser estudados e definidos da mesma maneira que noções como a normalidade haviam se desenvolvido quando a loucura foi encarcerada. O poder da sociedade sobre seus “detentos” se intensificou ainda mais com o desenvolvimento de outras ciências novas: economia, história e geografia — todas assumiram um caráter científico durante esse período. O

saber/poder conduziu tanto a um maior entendimento quanto a um controle maior.

Os argumentos históricos de Foucault são ao mesmo tempo parciais e não científicos. Seu esboço de desenvolvimento histórico pode muito bem ser aplicado à França, em sua transformação desde a monarquia absolutista dos Bourbon até a era pós-napoleônica. Nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e na Alemanha foi bem diferente. Porém, Foucault tinha certa razão: por trás dessas diferenças subsistia uma semelhança espectral. Mais uma vez, no entanto, o *insight* de Foucault parece ter se estendido para muito além do limite — para algo que, de modo suspeito, lembra uma teoria. De maneira similar, os modelos históricos de Foucault muitas vezes parecem vacilantes. O Panóptico de Bentham parecia retomar a ideia medieval de um Deus onipresente mais do que o fortalecimento do poder da sociedade do século XIX.

Como sempre, as ideias de Foucault derivavam em grande parte de pensadores anteriores. Isso incluía os suspeitos usuais, como Kant, Nietzsche e Heidegger. Porém, dessa vez, ele também se apropriava de Émile Durkheim, o francês fundador da sociologia moderna do século XIX. Durkheim argumentara contra a ideia britânica e norte-americana prevalecente de que o indivíduo e o seu interesse próprio formavam a base da sociedade, e de que a própria sociedade não passava de um conceito ou uma ideia artificial. (Essa atitude remete à frase de Margaret Thatcher: “A sociedade não existe.”) Durkheim concentrou-se na primazia da sociedade sobre o indivíduo. Enfatizou a integração social delimitada pela crença moral compartilhada e procurou identificar as causas das rupturas sociais. As ideias de Foucault relativas a “técnicas” de poder são em grande proporção uma extensão de Durkheim.

Foucault também deprecia a personalidade — que, como o “autor”, é considerada uma mera construção. Sua análise sócio-histórica, portanto, sofre com a falta de compreensão no que diz respeito à influência de personalidades históricas importantes. Essa é uma curiosa omissão para quem cresceu na sombra de Hitler e Stalin, passando vários anos definindo sua atitude política em relação a De Gaulle. A relevância das ideias de Foucault para o desenvolvimento norte-americano é ainda mais duvidosa. As

transformações na vida norte-americana trazidas pela tecnologia, os meios de comunicação de massa e o capitalismo empresarial permanecem em grande parte inexplicadas. Nesses aspectos, a experiência norte-americana é, num sentido amplo, a experiência do mundo ocidental (incluindo a França). Não pode simplesmente ser ignorada. Se a teoria de poder de Foucault não a leva em conta, também não leva em conta o século XX.

Em 1975, Foucault retornou à Universidade da Califórnia, em Berkeley. A alguns quilômetros dali, no campus de San Diego, o marxista Herbert Marcuse denunciava violentamente o "homem unidimensional" da sociedade ocidental. Tudo era questionado e a Califórnia era um fermento de ideias — das sensacionalistas às simples tolices. (Enquanto Timothy Leary estava instigando pessoas a "Sintonizar, se ligar, dar o fora", na Cal-tech tipos como Richard Feynman e Murray Gell-Mann solucionavam as dificuldades extremas da eletrodinâmica quântica.) Foucault estava determinado a brilhar. Suas conferências teorizavam sobre uma vasta variedade de sexo anormal. E em meio aos compromissos com as aulas, iniciou um programa radical de pesquisa nas termas e nos salões sadomasô de São Francisco. Fez uma viagem de ácido no deserto e quase foi atropelado ao tentar atravessar uma rodovia sob o efeito de morfina. Justificava seu comportamento com fundamentos teóricos. O desejo era tolhido por "conceitos de restrição naturalística" e pela "limitação física": tínhamos que transcender em prazer "além do desejo". Desse modo, o prazer não poderia nunca ser "anormal", como o desejo. Assim, o sadomasoquismo subvertia o poder (dor), erotizando-o (em prazer).

Patinar em gelo teórico tão fino pode ter sido a razão de Foucault ter caído em algumas armadilhas em Paris, mas aquilo era a Califórnia — que estava passando dos triunfos do comportamento dos anos 1960 às teorias dos anos 1970. Os seguidores do *flower power* haviam dado lugar aos Panteras Negras. Foucault decidiu escrever uma história da sexualidade em três volumes. Estes misturam sensatez com *nonsense* e muita história sexual surpreendentemente chata. O primeiro volume afirma ser (sem ironia) "Uma introdução" à sexualidade. Nele, Foucault faz a interessante afirmação de que, depois do Renascimento, a

sexualidade foi “internalizada” pelos poderes repressivos da sociedade. A medicina e a psicologia começaram, na época, a exercer poder sobre o corpo, e, com isso, a sexualidade passou a ser submetida ao controle social. Essas generalizações casuais, apoiadas inclusive por uma confusa documentação contemporânea, assinalam uma faceta mais limitada da filosofia de Foucault. São também imprecisas. Durante grande parte do século XVIII, os britânicos, por exemplo, teriam vivido à vontade com sua sexualidade, talvez exclusivamente no período entre a época da rainha Elizabeth e a era *hippie*. (Essa também é uma generalização maliciosa. Mas não pretendo lançar uma teoria com isso, apenas torpedear uma.)

No segundo volume de sua história da sexualidade, Foucault se volta para a Grécia antiga, uma época exuberante em erotismo ostensivo. Infelizmente, usa suas descobertas sobre o comportamento grego para explicar como a sexualidade passou a ser incorporada dentro do código moral. Mas isso realmente aconteceu na Grécia antiga? A sexualidade é tão central em nossa evolução que proibições são encontradas nas mais primitivas sociedades. Até entre animais a prática sexual é acompanhada por algo notavelmente semelhante ao comportamento moral embrionário. Devemos nos afastar da sociedade, ao menos temporariamente, se quisermos escapar da moralidade sexual. Nesse sentido, as termas e as câmaras de orgia podem ser vistas como refúgios das fatigantes censuras da civilização. Porém, o único lugar da sociedade em que a sexualidade sempre foi inteiramente livre da censura moral é a fantasiosa mente adolescente. (Nisso, somos todos adolescentes.)

O terceiro volume da história de Foucault avança até a Roma antiga. Ali, em meio a todo o “discurso sexual”, Foucault, de fato, tem algumas coisas interessantes para falar sobre “a cultura do *eu”*. Esboça o crescimento da subjetividade: como se desenvolveu em “uma atitude, um modo de se comportar” e como “permeava modos de vida”. Seus procedimentos eram “refletidos, desenvolvidos e ensinados”. Dessa forma, a subjetividade se tornou “uma prática social que resultava em relações interindividuais”. Essas trocas e

comunicações dariam origem, inclusive e ocasionalmente, às instituições sociais.

Em maio de 1984, Foucault finalmente entregou o manuscrito do terceiro volume da sua história da sexualidade ao editor. Duas semanas depois, no dia 2 de junho, teve um colapso e foi hospitalizado. Há dois anos vinha sofrendo frequentemente com doenças. Somente agora fica clara a origem delas: Foucault tinha aids. O fim foi súbito; no dia 25 de junho, Foucault morreu. Seu funeral atraiu centenas de pessoas. Entre elas, celebridades de todos os segmentos da vida cultural parisiense, muitas das quais, profundamente comovidas. Apesar de controvérsias intelectuais espinhosas, Foucault era uma personalidade simpática, e muitos o tinham como um amigo pessoal próximo.

CITAÇÕES E IDEIAS

. . . . . .

"Mais correntemente do que qualquer outro pensador contemporâneo, Michel Foucault desenvolveu as implicações da rejeição de Nietzsche à ideia platônica de verdade. Em seu lugar, propõe o que pode ser chamado, na expressão de Deleuze, de uma 'contrafilosofia' que localiza as origens da verdade na luta e no conflito, na arbitrariedade e na contingência, em uma vontade de verdade que está essencialmente vinculada ao desejo e ao poder."

Kenneth Baynes, *After Philosophy*

Algumas ideias centrais de Foucault:

Na Idade Clássica (Idade da Razão) a loucura foi separada da razão e o conceito de "des-razão" nasceu. Foi então que a loucura foi confinada ao hospício.

Uma *episteme* é a estrutura de pensamento que simboliza o pensamento de uma determinada época. É a rede subterrânea de pressupostos e processos de pensamento, a "tendência", que limita o pensamento científico, filosófico e cultural de uma época.

A arqueologia é uma técnica de exumação das regras de pensamento que limitavam os conceitos de uma determinada época. Foucault praticou isso estudando documentos originais do período.

Genealogia foi o termo que Nietzsche usou para descrever seu estudo de conceitos morais. Isso possibilitou que traçasse a evolução desses conceitos: o que eram originalmente, as motivações ocultas por trás deles e como deixávamos de ver suas

origens em nossa postura moderna em relação a tais conceitos. A genealogia traçava a história da vontade de poder.

Foucault usou o termo para descrever sua análise histórica de inúmeros “saberes” — tais como a literatura, a medicina e a moralidade. Essa análise mostrou como as noções de “verdade” se alteraram nesses saberes. Tais mudanças não aconteceram de uma forma lógica, sendo contingentes na episteme de suas épocas. De fato, toda a nossa concepção de verdade era contingente.

O “autor” é meramente um “princípio funcional”, que limita a totalidade da imaginação na “estrutura mental” fechada de uma determinada época.

Foucault afirmava que “o motivo que me estimula” não era nada mais, nada menos que “curiosidade”. Porém, tratava-se de uma curiosidade de ordem maior: “A questão de saber se alguém pode pensar e perceber de um modo diferente de outra pessoa é absolutamente necessária caso se deseje continuar a observar e a refletir.”

Foucault em plena forma:

“A história que nos conduz e nos determina tem mais a forma de uma guerra do que de uma linguagem: relações de poder, não relações de sentido. A história não tem ‘sentido’ algum, no entanto isso não quer dizer que seja absurda ou incoerente.”

A genealogia busca traçar as origens da linguagem que usamos e das leis pelas quais somos governados. Faz isso “com o intuito de revelar os sistemas heterogêneos que, sob a máscara do nosso ego, nos negam qualquer realidade”. Seu propósito “não é redescobrir as raízes da nossa identidade, mas se empenhar em dissipá-las”. A genealogia “busca revelar todas as descontinuidades que passaram por nós”.

“Cada sociedade possui o seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: ou seja, os tipos de discurso que aceita e faz

funcionar como verdade.”

E o que há de mais absurdo em Foucault:

FOUCAULT: “Não é tão simples assim — alguém fazer o que gosta … e espero morrer de uma *overdose…* de um prazer de qualquer tipo. Porque eu acho que é realmente difícil e sempre tive a sensação de que não sinto *o* prazer, o prazer completo total, e, para mim, ele está relacionado com a morte.”
ENTREVISTADOR: “Por que você diz isso?”

FOUCAULT: “Porque penso que o tipo de prazer que considero *o* prazer real seria tão profundo, tão intenso, tão irresistível que eu não sobreviveria a ele. Morreria.”

Prossegue até relatar que um dos momentos mais felizes de sua vida foi ao ser atropelado por um carro (quando estava alucinado por ópio): “Tive a impressão de que estava morrendo e foi, realmente, um prazer muito, muito intenso… Foi, e ainda é, uma de minhas melhores lembranças.”

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

. . . . . .

séc. VI a.C.	Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
fim do séc. VI a.C.	Morte de Pitágoras.
399 a.C.	Sócrates condenado à morte em Atenas.
c.387 a.C.	Platão funda a Academia de Atenas, a primeira universidade.
335 a.C.	Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
324 d.C.	O imperador Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
400 d.C.	Santo Agostinho escreve as *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
410 d.C.	O saque de Roma pelos visigodos anuncia o advento da Idade das Trevas.
529 d.C.	O fechamento da Academia em Atenas, pelo Imperador Justiniano, marca o fim do pensamento helenista.
meados do séc. XIII	Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.
1453	Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.
1492	Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.
1543	Copérnico publica *De revolutionibus orbium*

	caelestium (*Sobre as revoluções dos orbes celestes*), provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.
1633	Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do Universo.
1641	Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.
1677	A morte de Spinoza permite a publicação da É*tica*.
1687	Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.
1689	Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.
1710	Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo a novos extremos.
1716	Morte de Leibniz.
1739-40	Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana*, conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
1781	Kant, despertado de seu “sono dogmático” por Hume, publica a *Crítica da razão pura*. Início da grande era da metafísica alemã.
1807	Hegel publica *A fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.
1818	Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia indiana na metafísica alemã.
1889	Nietzsche, após declarar que “Deus está morto”, sucumbe à loucura em Turim.
1921	Wittgenstein publica o *Tractatus logico-philosophicus*, advogando a “solução final” para os problemas da filosofia.
década de 1920	O Círculo de Viena inaugura o positivismo lógico.
1927	Heidegger publica *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*), anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a

continental.

1943	Sartre publica *L'être et le néant* (*O ser e o nada*), avançando no pensamento de Heidegger e instigando o existencialismo.
1953	Publicação póstuma das *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise linguística.

CRONOLOGIA DA VIDA DE FOUCAULT

. . . . . .

1926	Paul-Michel Foucault nasce em Poitiers.
1945	Estuda em Paris para a segunda tentativa de ingressar na École Normale Supérieure.
1946-52	Estuda na École Normale Supérieure.
1955-58	Leciona na Universidade de Uppsala, na Suécia.
1960	Conhece Daniel Defert, que se torna seu companheiro por toda a vida.
1961	Publica *História da loucura.*
1963	Publica *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*.
1966-68	Professor-visitante na Universidade de Túnis.
1969	Eleito para o Collège de France.
1970	Dá as primeiras palestras nos Estados Unidos.
1972	Palestras na Universidade do Estado de Nova York, em Buffalo. Visita a prisão de Attica State, no estado de Nova York.
1975	Publica *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Palestras na Universidade da Califórnia, em Berkeley.
1976	Publica *História da sexualidade*, volume 1.
1984	Publica *História da sexualidade*, volume 2.
1984	Morre de aids, em Paris.
1986	Publicação póstuma de *História da sexualidade*, volume 3.

LEITURA SUGERIDA

. . . . . .

FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978. Sua primeira grande obra.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.* São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1981. Contém o melhor do pensamento filosófico de Foucault.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 15ª ed., 2000.

GUTTING, G. (org.). *The Cambridge Companion to Foucault*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. Ensaios acessíveis cobrindo uma vasta extensão do pensamento de Foucault.

MACEY, D. *The Lives of Michel Foucault*. Random House, 1995. Uma extensa biografia, integrando a vida e o pensamento de Foucault.

MACHADO, R. Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

RABINOW, P. (org.). *The Foucault Reader*. Pantheon, 1985. A melhor seleção disponível de trabalhos, entrevistas, etc. de Foucault.

ÍNDICE REMISSIVO

. . . . . .

Althusser, Louis, 1-2
Arendt, Hannah, 1-2

Barraqué, Jean, 23-5 Barthes, Roland, 1
Borges, Jorge Luis, 1-2

Canguilhem, Georges, 1

Defert, Daniel, 1-2, 3, 4, 5, 6, 7
Derrida, Jacques, 1
Descartes, René, 1, 2
Durkheim, Émile, 1-2

École Normale Supérieure, 1, 2, 3, 4, 5
Einstein, Albert, 1, 2, 3
episteme, 1-2, 3-4, 5, 6, 7
événements (1968), 1

Genet, Jean, 1, 2

Hegel, Georg, 1, 2, 3
Heidegger, Martin, 1, 2-3, 4
Hitler, Adolf, 1, 2

Kant, Immanuel, 1, 2, 3, 4
Kuhn, Thomas Samuel, 1-2, 3

Marcuse, Herbert, 1-2
Marx, Karl, 1, 2, 3

Nietzsche, Friedrich, 1-2, 3, 4-5, 6
Genealogia da moral, 1, 2, 3-4, 5

Obras de Foucault: *A arqueologia do saber*, 56; *O nascimento da clínica*, 34; *Vigiar e punir*, 60-5; *História da loucura*, 16; *As*

palavras e as coisas, 1-2
paradigma, 1-2, 45 Platão, 3, 4, 5

Sartre, Jean-Paul, 1, 2, 3, 4, 5

tentativa de suicídio, 1

Universidade de Túnis, 1-2
Universidade de Uppsala, 1
Universidade de Vincennes, 1-2

Wittgenstein, Ludwig, 1, 2, 3

CIENTISTAS

em 90 minutos

. . . . . .

por Paul Strathern

Arquimedes e a alavanca em 90 minutos
Bohr e a teoria quântica em 90 minutos
Crick, Watson e o DNA em 90 minutos
Curie e a radioatividade em 90 minutos
Darwin e a evolução em 90 minutos
Einstein e a relatividade em 90 minutos
Galileu e o sistema solar em 90 minutos
Hawking e os buracos negros em 90 minutos
Newton e a gravidade em 90 minutos
Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos
Pitágoras e seu teorema em 90 minutos
Turing e o computador em 90 minutos

Título original:
Foucault in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana
publicada em 2000 por Ivan R. Dee, de Chicago, EUA

Copyright © 2000, Paul Strathern

Copyright da edição brasileira © 2003:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99 - 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2529-4750 / fax: (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

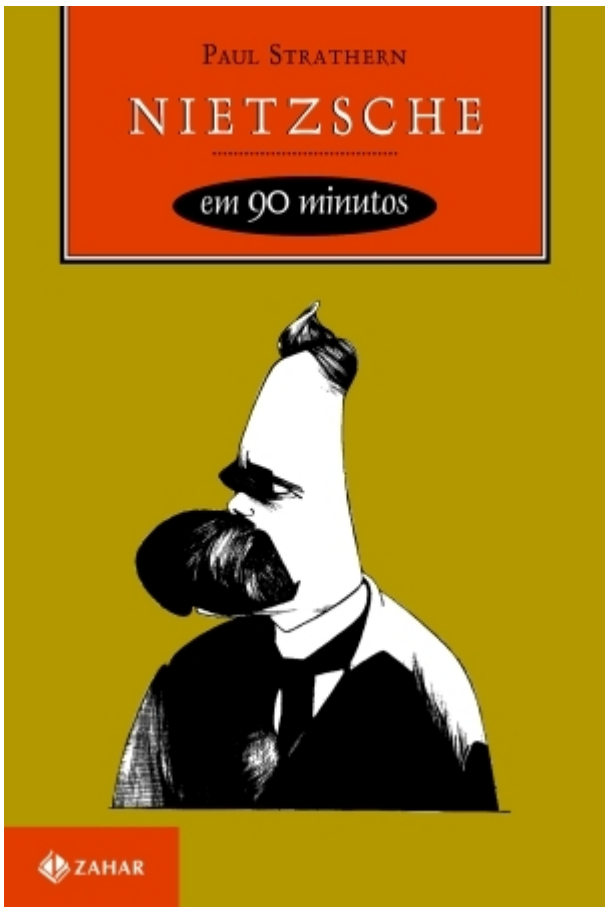
Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ilustração de capa: Lula

ISBN: 978-85-378-0426-1

Edição digital: junho 2011

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**


Paul Strathern
NIETZSCHE
em 90 minutos
ZAHAR

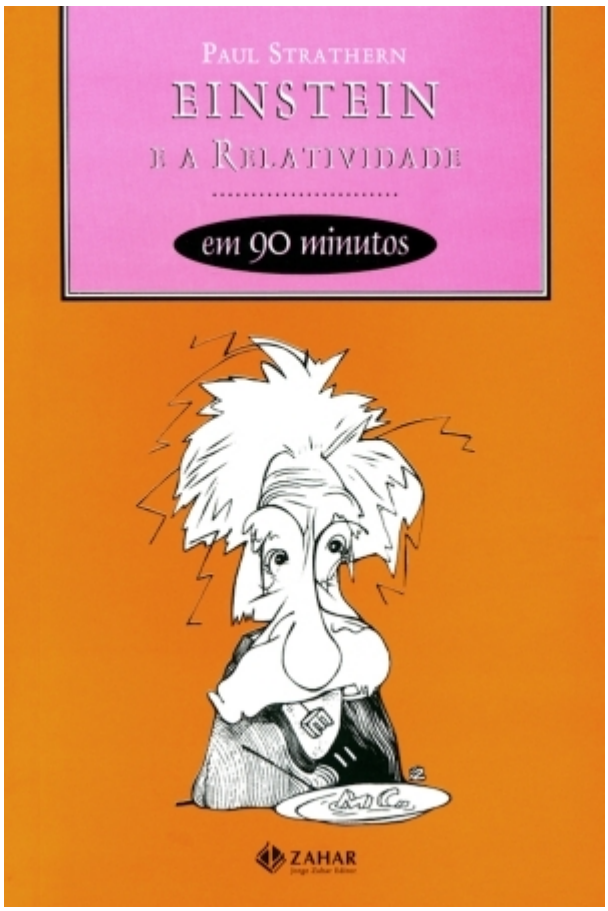
Nietzsche em 90 minutos

Strathern, Paul
9788537803967
76 páginas

Compre agora e leia

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi o criador do célebre super-homem, embora ele próprio tenha sido um dos homens mais doentes que já houve: veio a morrer louco, segundo dizem em conseqüência de uma sífilis. Antecipando o fim de todos os sistemas filosóficos, sua obra falava a língua do futuro através de ditos lapidares como: "Deus está morto"; "Viva perigosamente" e "Qual o melhor remédio? - Vitória". Ao contrário do que se diz, a idéia de uma nação de alemães de raça pura decerto teria estimulado seu senso de humor. Este livro é um instantâneo da vida e obra dessa intrigante figura.

Compre agora e leia


PAUL STRATHERN
EINSTEIN
E A RELATIVIDADE
em 90 minutos
ZAHAR

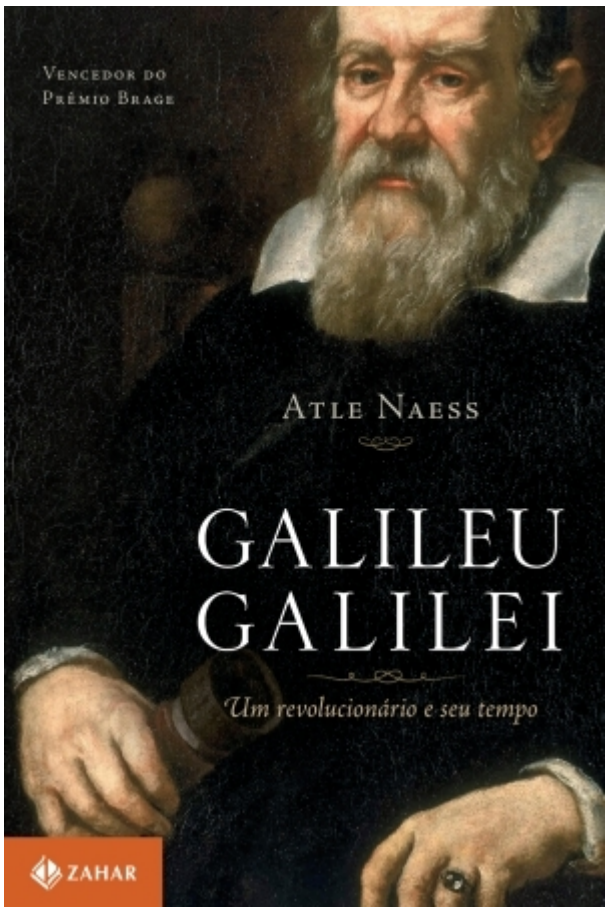
Einstein e a relatividade em 90 minutos

Strathern, Paul
9788537803462
91 páginas

Compre agora e leia

Como saber o que de fato significou a teoria da relatividade de Einstein e que implicações acarreta a célebre fórmula $E=mc^2$? Einstein e a relatividade em 90 minutos não só responde a essa questão como também acompanha a conturbada trajetória do formulador da teoria da relatividade, que lutou contra as armas nucleares e o anti-semitismo, sendo investigado pelo FBI e perseguido pelos nazistas. Com textos informativos e divertidos, os volumes da série Cientistas em 90 minutos trazem rico material - introdução, posfácio, citações e cronologias - que complementa um panorama da vida e da obra de cada cientista, explicando suas geniais descobertas. Em formato de bolso e com preço acessível, a série segue o mesmo padrão didático da já conhecida Filósofos em 90 minutos, também de autoria de Paul Strathern.

Compre agora e leia


Vencedor do
Prêmio Brage
Atle Naess
GALILEU
GALILEI
Um revolucionário e seu tempo
ZAHAR

Galileu Galilei

Naess, Atle
9788537814079
248 páginas

Compre agora e leia

Uma biografia à altura da vida extraordinária de Galileu

Matemático, físico, astrônomo, filósofo, revolucionário, herege. O escritor norueguês Atle Naess faz um retrato minucioso e fascinante do homem que mudou a forma de vermos o mundo e fundou a ciência moderna - da infância ao julgamento pela Inquisição já no fim da vida, passando por todo o caminho que levou às descobertas revolucionárias na física, na astronomia e na matemática.

Numa Florença em que ainda subsiste o brilho do Renascimento, acompanhamos a formação e o desenvolvimento de Galileu, incomuns para a época e que só foram possíveis graças ao incentivo de seu pai, músico e letrado. Conhecemos a relação do matemático com a família mais famosa e importante de Florença e de todo o período renascentista, os Médici, que eram seus mecenas.

Através da prosa fluida e envolvente de Naess, somos testemunhas privilegiadas das experiências precoces e descobertas revolucionárias de Galileu. Descobertas que mudariam o mundo,

mas que ele acabaria sendo obrigado a renegar diante da Inquisição.

O livro foi vencedor do Prêmio Brage - o mais importante prêmio literário da Noruega - de melhor livro de não ficção.

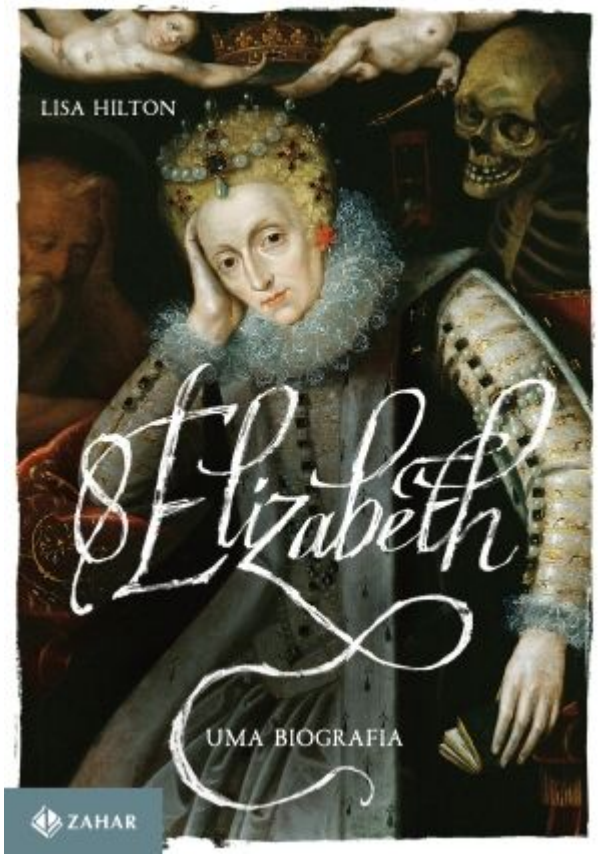
"A narrativa é um primor, a história flui sem esforço e o contexto é centrado em aspectos humanitários. O livro é um deleite absoluto." The Observatory

"Leitura encantadora, e o texto é historicamente rigoroso. Não são muitas as biografias tão formidavelmente escritas como essa." Australian Physics

"Um relato vivo, articulado e bem construído, que oferece o contexto mais amplo e fundamental que envolve o drama. Altamente recomendado." MAA Online book review

"Fascinante." The Mathematical Gazette

Compre agora e leia


LISA HILTON
Elizabeth
UMA BIOGRAFIA
ZAHAR

Elizabeth I

Hilton, Lisa
9788537815687
412 páginas

Compre agora e leia

Um retrato original e definitivo da Rainha Virgem narrado com todos os elementos de um impressionante romance

Filha de Henrique VIII e Ana Bolena, Elizabeth I foi a quinta e última monarca da dinastia Tudor e a maior governante da história da Inglaterra, que sob seu comando se tornou a grande potência política, econômica e cultural do Ocidente no século XVI. Seu reinado durou 45 anos e sua trajetória, lendária, está envolta em drama, escândalos e intrigas.

Escrita pela jornalista e romancista inglesa Lisa Hilton, essa biografia apresenta um novo olhar sobre a Rainha Virgem e é uma das mais relevantes contribuições ao estudo do tema nos últimos dez anos. Apoiada em novas pesquisas, oferece uma perspectiva inédita e original da vida pessoal da monarca e de como ela governou para transformar a Inglaterra de reino em "Estado".

Aliando prosa envolvente e rigor acadêmico, a autora recria com vivacidade não só o cenário da era elisabetana como também o complexo caráter da soberana, mapeando sua jornada desde suas

origens e infância - rebaixada de bebê real à filha ilegítima após a decapitação da mãe até seus últimos dias.

Inclui caderno de imagens coloridas com os principais retratos de Elizabeth I e de outras figuras protagonistas em sua biografia, como Ana Bolena e Maria Stuart.

"Inovador... Como a história deve ser escrita." Andrew Roberts, historiador britânico, autor de Hitler & Churchill

"... uma nova abordagem de Elizabeth I, posicionando-a com solidez no contexto da Europa renascentista e além." HistoryToday

"Ao mesmo tempo que analisa com erudição os ideais renascentistas e a política elisabetana, Lisa Hilton concede à história toda a sensualidade esperada de um livro sobre os Tudor." The Independent

Compre agora e leia


Inclui posfácio do autor sobre o Brasil
REDES DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA
Manuel Castells
SOMOS A REDE SOCIAL!
Movimentos sociais na era da internet
ZAHAR

Redes de indignação e esperança

Castells, Manuel
9788537811153
272 páginas

Compre agora e leia

Principal pensador das sociedades conectadas em rede, Manuel Castells examina os movimentos sociais que eclodiram em 2011 - como a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, os movimentos Occupy nos Estados Unidos - e oferece uma análise pioneira de suas características sociais inovadoras: conexão e comunicação horizontais; ocupação do espaço público urbano; criação de tempo e de espaço próprios; ausência de lideranças e de programas; aspecto ao mesmo tempo local e global. Tudo isso, observa o autor, propiciado pelo modelo da internet.
<p>O sociólogo espanhol faz um relato dos eventos-chave dos movimentos e divulga informações importantes sobre o contexto específico das lutas. Mapeando as atividades e práticas das diversas rebeliões, Castells sugere duas questões fundamentais: o que detonou as mobilizações de massa de 2011 pelo mundo? Como compreender essas novas formas de ação e participação política? Para ele, a resposta é simples: os movimentos começaram na internet e se disseminaram por contágio, via comunicação sem fio, mídias móveis e troca viral de imagens e conteúdos. Segundo ele, a internet criou um "espaço de autonomia" para a troca de

informações e para a partilha de sentimentos coletivos de indignação e esperança - um novo modelo de participação cidadã.

Compre agora e leia